

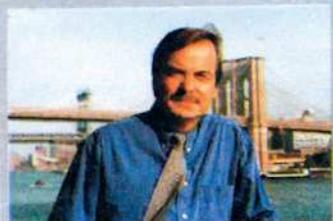


Evaristo Lima & C., Lda.
FERRAGENS - FERRAMENTAS - MAT. CONSTRUÇÃO

APOIAMOS MAIS ESTA INICIATIVA EM PROL DO DESENVOLVIMENTO DA NOSSA TERRA

Av. Luís de Camões, 14 - 9600-563 Ribeira Grande
Telefs. 296 470 160 / 7 - Fax 296 470 165
e-mail: evlima@mail.telepac.pt

Potencialmente pó como as Twin Towers



Não há palavras. Estão todas gastas. Houve e há ainda imagens, mas ninguém sabe já o que dizer. A ficção cinematográfica costumava ir à frente; desta vez, ficou-se bem longe do horror autêntico. Se uma imagem vale mil palavras, as últimas vinte e quatro horas de imagens tornam supérfluo a fala. Que dizer, pois, em resposta ao pedido da *Visão* de umas palavras sobre o ambiente que por cá se vive? Ontem nas ruas deste Rhode Island era o silêncio. Tudo petrificado diante dos televisores. Como aliás por esse mundo fora, que hoje estão abolidas as distâncias. Somos todos espectadores simultâneos das mesmas tragédias. Na era da globalização elas são globais. Aqui à volta tudo está aparentemente calmo, porém atacado no íntimo por uma sensação visceral de impotência, de fragilidade até há pouco impensável. Como me dizia o meu amigo Eduíno de Jesus em e-mail vindo por sinal de Lisboa, "agora as guerras vão passar a ser assim: Não são as Nações contra as Nações, mas um sujeito qualquer contra uma Nação (mesmo poderosa como a América), contra o Mundo - um sujeito mais difícil de vencer do que uma Nação, por ser invisível, por não ser Ninguém. É terrível, não é?" Correm as histórias da sorte e da pouca sorte: o filho de um colega meu trabalhava no World Trade Center. Na semana passada, cansado do ritmo, deixou o

emprego. A sua sorte. Mas há a pouca: a directora de serviços da minha sobrinha ofereceram um bom lugar noutra empresa. Teve 6ª feira uma festa de despedida. Iniciou esta semana o novo emprego e ontem ia à Califórnia para uma reunião. Seguiu no fatídico voo de Boston - Los Angeles.

Aqui na Brown, são alunos desesperados por não saberem do pai, da mãe, do irmão, da irmã, de um amigo que trabalhava no World Trade Center. Todos temos amigos, conhecidos, de quem nos falta notícias e resta apenas a esperança de terem escapado, de se encontrarem algures, ou até de poderem ainda ressurgir de sob os escombros. Só aos poucos a tragédia será verdadeiramente sentida. Estamos todos *stunned*. Mas nem essa palavra serve para



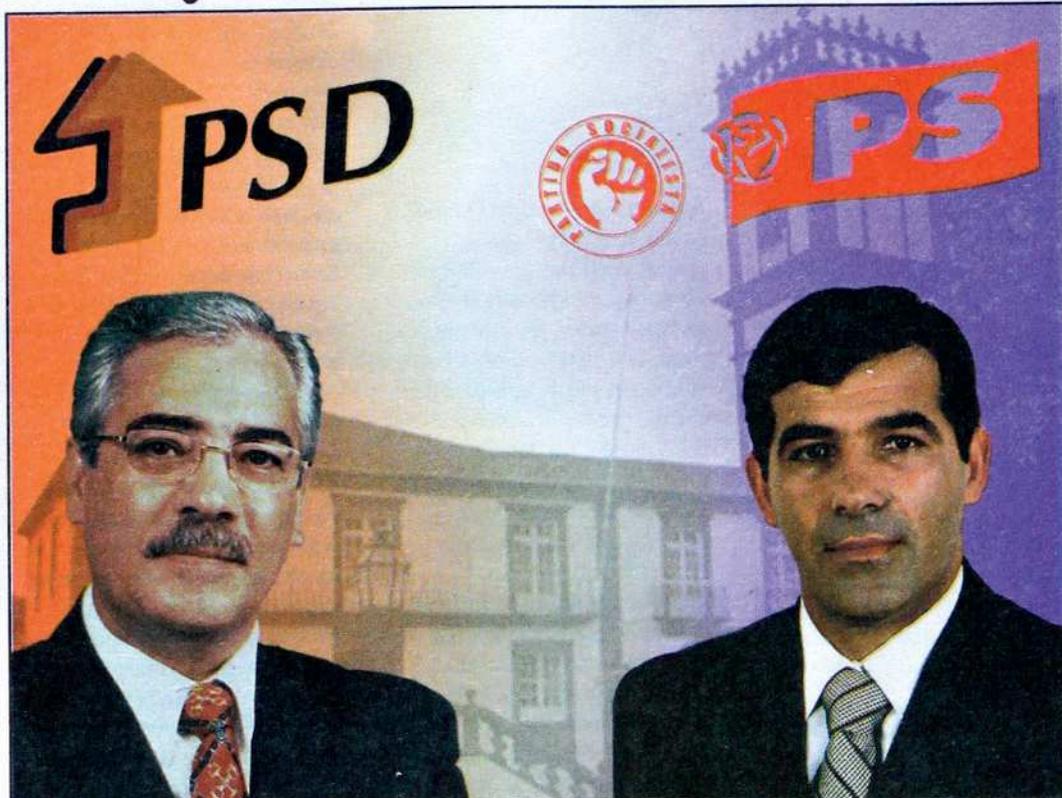
descrever nada. Eu deveria ter ido a New York, esta semana com o objectivo de entrevistar Camila Miguéis, 94 anos e residente no Lower East Side, lá bem perto do inferno. Por falta de tempo, decidi adiar. Qualquer um de nós poderia estar ali. Ou num avião, hoje bombas

potenciais, todos eles. Inúmeras vezes subi ao cimo de uma daquelas torres, até ao terraço, ao ar livre, com visitantes que levei a New York. Extasiava-me sempre o panorama e nunca senti qualquer insegurança. Como certamente não a sentiam os que lá foram ontem ou os que nas torres diariamente trabalhavam. Hoje, não preciso estar sequer num avião. Mesmo aqui em casa sinto a vulnerabilidade que a partir de agora atinge todos e tudo. É afinal o arranha-céus da cultura ocidental revelado frágil e potencialmente reduzível a pó. Não sei que mais dizer. Nem vale a pena.

Onésimo Teotónio Almeida

N.R. Contactado por A Estrela Oriental para que escrevesse sobre o acontecimento, OTA enviou-nos este texto que acabara de escrever a pedido da *Visão*.

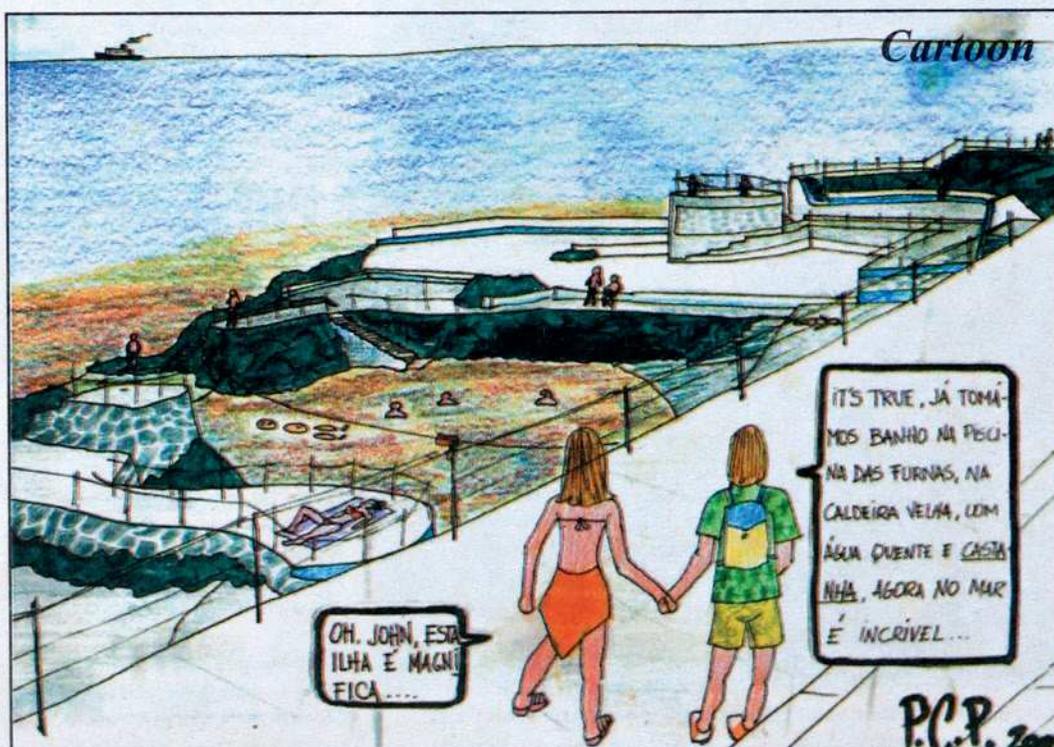
CORAÇÕES EM CONFRONTO



Em período de pré-campanha eleitoral, *A Estrela Oriental*, regozija-se em apresentar aos leitores o primeiro confronto entre os candidatos que, entretanto, se apresentaram para a corrida à Câmara Municipal de Ribeira Grande. Nesse duelo de ideias, interessou, para já, conhecer, por um lado, os candidatos como pessoas, e, por outro, o que eles pensam sobre questões relacionadas com a Cidade, o Concelho, não se esquecendo a Região.

O candidato Ricardo Silva, pelo tom das suas palavras, categórico, prático, sem meias tintas, um rugido, parece ser um Ricardo Valentão, Coração de Leão, autenticamente *com o coração nas mãos*. Já António Pedro, aparece sereno, terno, espiritual, poético, com palavras equilibradas, experiente, com garra latente, como que a lembrar uma espécie de Pedro, o Grande, este parecendo estar *com as mãos no coração*. Para já, face ao que se pode observar neste primeiro embate, espera-se que de Ricardo Silva, a ser o próximo Presidente da Câmara Municipal, o seu Coração de Leão não se converta em 'Coração de Melão', bem como de António Pedro, a ser novamente Presidente da Autarquia ribeiragrandense, ao que parece Grande de Coração, não se transforme em Pedro, um 'Pequeno sem Coração'.

Mário Moura / Hermano Teodoro **DIALOGOS** **PÁG. 3**



TOYOTA



RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, Nº20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
PME 2000 9500 Ponta Delgada



YARIS

Crie a sua história

Editorial

oliveira.moura@mail.pt

1. A Estrela Oriental a as eleições autárquicas

1.A A Estrela Oriental, no estrito cumprimento das obrigações enunciadas nos pontos 2 e 3 do seu Estatuto Editorial, publicado no N.º 1, desta III Série, dedicará a rubrica *Diálogos* dos meses de Outubro, de Novembro e de Dezembro aos candidatos à Presidência da Câmara Municipal de Ribeira Grande;

1 B A Estrela Oriental fá-lo ainda, não só por o Concelho e a Cidade ocuparem, no contexto sócio-económico insular, o 3.º lugar da Região Autónoma dos Açores e o 2.º da Ilha de São Miguel, mas também, porque, do ponto de vista da apresentação de projectos estruturais e da captação de recursos para a sua implementação, a próxima década ser decisiva para acelerar o desenvolvimento e a afirmação harmoniosa, justa, sustentada e multipolar do Concelho e da Cidade no contexto açoriano.

2. Dever e direito do eleitor e do candidato

2. Porque é dever e direito dos candidatos à gestão pública autárquica, num sistema democrático participativo, esclarecer os cidadãos eleitores acerca do referido no ponto 1 B deste Editorial.

3. Regras e conteúdo

3. As questões propostas serão idênticas em número e teor. Nesta primeira edição, abordaremos aspectos do perfil dos candidatos e a relação do Concelho com a Cidade; na de Novembro, serão tratadas as relações do Concelho e da Cidade no âmbito das demais Cidades e Concelhos da Região, bem como as propostas dos candidatos para as mais diversas áreas de intervenção autárquica, a saber: Património (Natural e Cultural), Economia (Agricultura, Pescas, Indústria e Turismo), Planeamento, Ambiente, Desporto, Saúde, Habitação, Rede Viária, etc.; na de Dezembro, veicularemos questões que os municípios entenderem formular aos candidatos, desde que se conformem com os princípios do nosso Estatuto Editorial.

Oliveira Moura

7ª ARTE

CINEMA PARAÍSO (1ª parte)



A escolha de "Cinema Paraíso" para a inauguração do remodelado Cine-Teatro Ribeira Grandense não poderia ter sido mais apropriada. A sua temática, centrada à volta do cinema, mais concretamente de uma casa de cinema de província, como o desta cidade, e a destruição e reconstrução do Nuovo Cinema Paradiso, à semelhança da degradação e reabilitação do Ribeira Grandense, são paralelismos mais que suficientes para justificar a escolha desta "fita" para essa ocasião tão importante para a cidade da Ribeira Grande. Mas são também paralelismos que nos colocam neste momento a falar de uma dupla retrospectiva. Retrospectiva em relação à inauguração do Cine Teatro Ribeira Grandense, que já passou à história, mas também retrospectiva em relação a um passado recente, em que o cinema ocupava um lugar importante nas nossas vidas, onde a sua capacidade de entretenimento se revestia de um papel social, assumindo, tal como a missa de Domingo, uma dimensão de ritual comunitário, na qual comungavam novos e velhos, ricos e pobres. Indo direito ao coração, à boa maneira de Hollywood, este filme italiano lança precisamente um olhar documentalista e quase etnográfico sobre esse passado

recente, que muitos de nós ainda recordam com saudade, pintando-o como um fresco que se projecta na tela. Tendo como pano de fundo Giancaldo, uma pequena cidade ou vila rural da Sicília, mas que também poderia ser aqui em qualquer uma das nossas vilas ou cidades há trinta ou quarenta anos atrás, "Cinema Paradiso" transporta-nos a um tempo perdido e a um microcosmos quase laboratorial numa vivência que aqui nestas ilhas só começa a transformar-se na década de 70. Com a sala de cinema do Cinema Paradiso a servir de cadinho a esse microcosmos, conduzidos pela traquinice sagaz de Toto e com a cumplicidade pachorrenta de Alfredo, mergulhamos no universo perdido das nossas infâncias e juventude, esta última evocada pela história do amor perdido do já jovem Toto. Perante os nossos olhos, a mão segura do realizador Giuseppe Tornatore faz desfilar tipos familiares, como o inofensivo louco que diz que a praça é dele, o homem que dorme no cinema, ou o espectador que já conhece o filme de cor, e aborda uma temática histórico-sociológica com cenas como a contratação dos homens para o campo (como aqui nas nossas ilhas), a divisão de classes, com o povo em baixo na plateia e os ricos no balcão, a mobilidade social, com o rapaz pobre que conquista o seu lugar no balcão casando com a menina gorda e de beleza discutível, a evolução político-social com o burguês que do balcão cuspiu para o povo na plateia, sem outra reacção que um simples coro de protestos, a levar finalmente com uma posta de lama, ou provavelmente muito pior do que isso, como resposta ao seu pouco higiénico hábito, ou o comunista que nunca consegue trabalho por



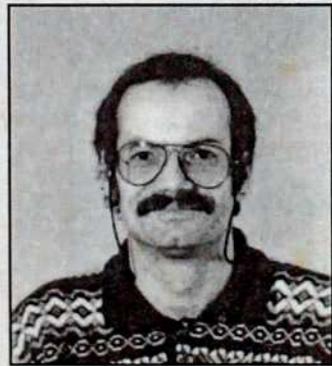
causa da sua opção política. Mas é nas cenas mais directamente ligadas ao ritual do cinema espectáculo de entretenimento que Tornatore mais se esmera, como a cena do filme a ser exibido em simultâneo em duas localidades diferentes, com os inevitáveis atrasos no intervalo a acumularem na não exibição do final do filme, por esgotamento físico do ciclista que transportava as bobines, situações de que me lembro perfeitamente em criança, motivadas não pela fadiga do ciclista (nessa altura já estávamos mais evoluídos aqui) mas por avaria da carrirana que fazia a ligação entre as casas de cinema; ou ainda a sala em choro generalizado, comovidíssima por um dramalhão de faca e alguidar, numa catarse colectiva, familiar aos iniciados da misteriosa sala escura, bem melhor que as exéquias de 6ª feira de Páscoa e impossível de acontecer em frente ao nosso televisor no ambiente individualizado da nossa sala de estar. Filme sobre as nossas memórias do cinema, "Cinema Paradiso" não poderia deixar de nos presentear com um desfile de grandes momentos da História do Cinema, não só através das cenas dos filmes que passam na sala do Paradiso, mas também pelas citações de Alfredo, que tira dos diálogos dos grandes filmes, que conhece de cor, uma sabedoria de vida que vai instilando no pequeno e mais tarde no jovem

Toto, numa erudição que não se torna pesada porque perfeitamente integrada na narrativa. Aliás, essa erudição cinematográfica permeia todo o filme nos seus componentes mais diversos, sendo um bom exemplo disso os próprios nomes dos personagens principais, Toto e Alfredo, nomes importantes do imaginário da sala escura. Mas as alusões a uma História do cinema vão mais longe, invadindo campos como a ligação do filme aos filmes dentro do filme, como acontece com o assassinato na sala de cinema de um presumível padrinho da Mafia (a história passa-se na Sicília não o esqueçamos), com o disparo a ser abafado pelos disparos de um filme de gangsters na tela, ou a pequena guerrilha entre o cuspidor do balcão e a ruidosa plateia a encontrar eco no écran, numa "fita" que interpreta a luta de classes a preto, branco e tons de cinza. Pode-se dizer que neste filme Giuseppe Tornatore faz-nos mergulhar no mundo onírico do nosso passado colectivo, e presenteia-nos com uma verdadeira explosão, não de géneros mas de temáticas, que vão desde a análise social, política e histórica, passando pela historiografia e crítica do cinema, que apenas a sua mão segura de mestre consegue orquestrar num todo coerente, fluido e cativante.

Manuel Bernardo Cabral

PLANTAS USADAS NA MEDICINA POPULAR (4)

Fava da cova



A fava da cova, também conhecida por fava da cobra, alfavaca da

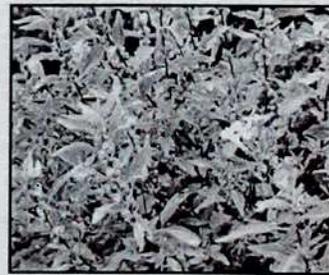
cova, alfavaca da cova ou urtiga mansa, é uma das plantas utilizadas, nos Açores, na medicina popular que é citada por vários dos autores, entre os quais o eng. Silvano Pereira, no seu trabalho "Plantas Empregadas na Medicina Popular dos Açores", publicado no Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, em 1953. No concelho da Ribeira Grande, a fava da cova é também utilizada na medicina popular. Assim, uma pessoa inquirida, em 1992, na

freguesia das Calhetas referia o seu uso para tratamento das "hemorróidas e pés inchados". De acordo com a respondente "põe-se a quantidade desejada da planta com um litro ou dois de água e vai a ferver, depois as pessoas lavam-se com esta água".

Família - Urticaceae
Nome científico - Parietaria judaica
Distribuição Geográfica - Em todas as ilhas dos Açores.
Identificação - Erva vivaz, de caules suberectos, lenhosos e

avermelhados, folhas em forma de coração e desprovidas de pelos e flores pequenas e esverdeadas.

A fava da cova aparece sobretudo em muros e em locais incultos pedregosos.
Utilização - De acordo com o Dr. Oliveira Feijão, "emprega-se internamente o infuso nas doenças do fígado (hepatites simples ou calculosas) ou do aparelho urinário (cistites, cálculos de bexiga, e especialmente na uremia, onde é medicação soberana). Externamente usa-se em banhos



ou pensos quentes nas hemorróidas, abscessos, inflamações cutâneas ou mucosas".

Teófilo Braga

Ficha Técnica:

Estrela Oriental

Jornal Mensal

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: António Valdemar, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Fátima Borges, Fernando Silva, João Teixeira, Luís Noronha, Nelson Tavares, Onésimo de Almeida, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pácheço, Pedro Câmara Pereira, Teófilo de Braga, João Miguel Fernandes Jorge

Propriedade:

Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L.
Sede: Centro Cultural de R. Grande

Publicidade: Luís Faria
Contacto: 919020517
Paginação: Francisco Veloso
Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda

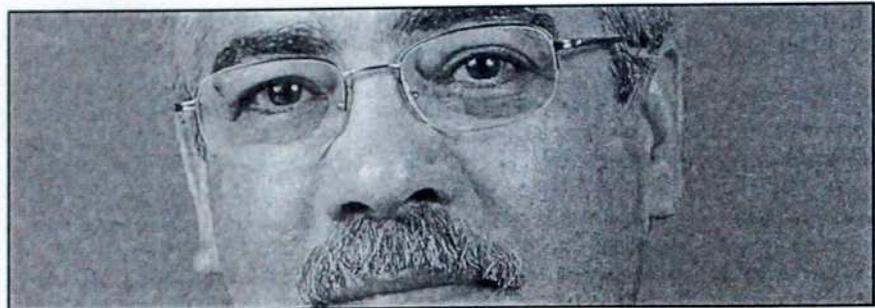


Porte Pago
Região Autónoma dos Açores

Contribuinte N.º 512 060 398
Número de Registo: 123813
Apartado 6, 9600 Ribeira Grande
Correio electrónico: estrelaoriental@portugalmail.pt
Telm. 963560639
Depósito Legal N.º:166371/01

Impressão: Coingra
Parque Industrial de R. Grande
Tiragem 1500 exemplares

Diálogos - António Pedro Costa
COM AS MÃOS NO CORAÇÃO



I Parte: O perfil

E.O.- Indique a sua naturalidade, idade e estado civil. Se for pai: quantos filhos tem? Mencione as suas idades e quais os seus níveis de escolaridade.

A.P.- Nasci na mais populosa freguesia do Concelho - Rabo de Peixe, há 47 anos e casei com Maria Ilda Gouveia. Tenho três filhos, tendo a Marlene 21 anos e está a tirar a licenciatura em Serviço Social, em Coimbra, o Rui tem 16 anos e está no 10.º ano e o João Paulo com 11 anos está no 6.º ano.

E.O.- A sua esposa trabalha? Que profissão desempenha e onde?

A.P.- A minha mulher é empresária e deixou de trabalhar para se dedicar à família.

E.O.- Qual é a sua profissão de carreira?

A.P.- Sou Chefe de Serviços na EDA, para onde conto regressar depois de ocupar os cargos políticos a que me tenho dedicado.

E.O.- Descreva sucintamente o seu trajecto académico. Que recordações guarda da escola.

A.P.- Fiz a 4.ª Classe na Vila da Calheta de S.

Jorge e frequentei a Escola Técnica e Liceu de Ponta Delgada. Depois estudei no Colégio do Vieux Montreal e na Universidade do Quebec de Montreal, onde me especializei em gestão, na área de Recursos Humanos e Relações Públicas.

Foi um longo percurso escolar, onde as bonitas recordações se misturam com a nostalgia do passado. Tive a felicidade de no ano passado encontrar um amigo de infância. Depois de 30 anos encontrei-o aqui na Ribeira Grande, um Médico de prestígio em Angra do Heroísmo, que não o via desde criança, onde recordamos momentos inolvidáveis da nossa meninice.

E.O.- Pratica desporto? Que modalidade e qual é a regularidade?

A.P.- Depois de um acidente na neve num inverno no Canadá, fiquei impossibilitado de praticar desporto com mais assiduidade. Dediquei-me diariamente à natação e estive ligado ao Voleibol. Actualmente, vou regularmente ao ginásio.

(continua na pag. 6)

Diálogos - Ricardo Silva
COM O CORAÇÃO NAS MÃOS



I Parte: O perfil

E.O.- Indique a sua naturalidade, idade e estado civil. Se for pai: quantos filhos tem? Mencione as suas idades e quais os seus níveis de escolaridade.

R.S.- Sou natural da freguesia da Matriz - Ribeira Grande. Tenho 39 anos, casado, pai de três filhos, com 13, 12 e 3 anos. Possuo o 8.º e 6.º ano de escolaridade.

E.O.- A sua esposa trabalha? Que profissão desempenha e onde?

R.S.- A minha esposa é professora do ensino secundário na Escola Básica e Secundária da Ribeira Grande no grupo de Educação Física.

E.O.- Qual é a sua profissão de carreira?

R.S.- Sou professor de História do ensino secundário.

E.O.- Descreva sucintamente o seu trajecto académico. Que recordações guarda da escola.

R.S.- Fiz a Primária na saudosa escola Central da Ribeira Grande, o Preparatório na Gaspar Frutuoso, o Secundário no então Liceu de Ponta Delgada e o Superior na bem amada Universidade dos Açores.

E.O.- Pratica desporto? Que modalidade e qual é a regularidade?

R.S.- Sou um apaixonado pela beleza que todas as modalidades desportivas possuem. Pratiquei futebol oficial durante 16 anos e hoje pratico menos daquilo que gostava.

E.O.- Prefere mais o campo ou a cidade? Explique.

R.S.- Gosto tanto de um como da outra porque são espaços diferentes em que se buscam sensações diversas. No campo tranquilidade e estabilidade, na cidade inovação e movimento. Em termos de vida permanente prefiro o campo, porque nos reencontramos amiúde com a Natureza e connosco mesmos.

(continua na pag. 6)

Faustino Teixeira de Lima

Arquivo Família Lima



Poucos meses faltam para ocorrer o 60º aniversário do falecimento de um ilustre Ribeiragrândense - Faustino Teixeira de Lima.

A sua obra, em prol do progresso da nossa terra, desenvolveu-se nos anos em que exerceu o cargo de Vereador do Município Ribeiragrândense. Possuidor de vistas largas, meteu ombros a diversos empreendimentos, com determinação e perseverança. Tendo a Câmara adquirido ao Ministério da Guerra o designado "Forte da Estrela", transformou aquele recinto - que era foco de imundície, no "Castelo". A seguir, rasgou o caminho para o palheiro, fazendo ali o Miradouro de Santa Luzia, que já nos anos 30, atraía imensos turistas.

O espaço, em frente da ermida de Santo André, como por encanto deu lugar a um jardim mimoso, oferecendo panorama agradável, infelizmente nunca mais restaurado - o que dá a impressão de não haver alguém que tome a decisão de dar àquele largo aspecto igual ou semelhante.

O Jardim Público, - junto dos Paços do Concelho, adquiriu, sob a sua orientação, a traça que ainda se mantém.

Outro acto da sua administração - a renovação das placas toponímicas das ruas das freguesias da Matriz e da Conceição.

A grande aspiração de Faustino Teixeira de Lima era de rasgar a Avenida Marginal. Chegou a comprar duas moradias da Rua do Aresta para esse objectivo. Preocupado com a situação de tantas famílias, cujo chefe, de inverno não tinha fonte de receita pelo mau tempo, estabeleceu um programa de ocupação, da iniciativa camarária.

Depois do seu trabalho na Câmara, Faustino Lima fez parte da Direcção do Asilo dos Velhos. Fez uma obra benemérita, dando conforto aos internados com novas estruturas nas camaratas, nas diversas salas,

no refeitório e na cozinha. Criou a "sopa dos pobres", distribuída diariamente, a pessoas carenciadas, e também vendidas a preço irrisório a quem solicitasse. Na sua vida profissional, dedicou-se ao comércio, sendo o seu estabelecimento o que actualmente é o mini-mercado Mirandela.

Foi de verdade um comerciante conceituado, sério e honesto. Teve a hombridade, ao ser empossado autarca no Município, de ordenar aos seus empregados de não venderem à Câmara qualquer coisa, nem que fosse um alfinete!

A sua morte, aos 56 anos de idade, foi muito sentida na Ribeira Grande, porque dele esperava-se ainda muito.

A junta de Freguesia da Conceição, da presidência do Sr. João Luís Correia, prestou há dois anos, justa homenagem à sua memória, dando o seu nome a uma rua nova. Faustino Teixeira Lima merece figurar na pléiade de ilustres Ribeiragrândenses, dado que a sua acção social não pode ser esquecida, mas sim permanecer registada como exemplo para a comunidade.

Edmundo Pacheco





IEI

Instalações Eléctricas Industriais, Lda.

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng.º José Cordeiro, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada
Telef. 296 30 23 30 Fax 296 83 64 75 rel.sede@mail.telepac.pt

Uma conversa sobre Nemésio - III



Penacova, Segunda-feira 2 de Abril de 2001 - Numa das muitas centenas de cartas que Vitorino Nemésio escreveu, durante cerca de quarenta anos, ao grande amor da sua vida, aquela que se transfigurou na Margarida Clark Dulmo, de *Mau Tempo no Canal*, existe uma em que é narrada a cerimónia do casamento de Miguel Torga, da sua atrapalhada quando o Conservador do Registo Civil lhe perguntou pelas alianças $\frac{3}{4}$ pura e simplesmente não as tinha... Numa carta datada de Lisboa de 22 de Maio de 1941, escreve ele à sua interlocutora: "Vamos a ver se o Tovim dá mais *Mau Tempo no Canal*. O Carlos Queiroz diz maravilhas. Outro dia veio a Lisboa o Miguel Torga e disse quase outro tanto".

Esse acervo de cartas constitui um diário epistolar. Não só reflecte a

intimidade apaixonada de dois amantes, mas também quadros e figuras de uma época compreendida entre os finais dos anos trinta até quase ao termo década de setenta. Contém matéria mais que suficiente para três ou quatro volumes. Logo após a morte de Nemésio, a própria destinatária entregou-as, em caixotes de papelão, por ordem cronológica, a David Mourão-Ferreira, dizendo-lhe que delas fizesse o que entendesse. Confidenciou-me o próprio David Mourão-Ferreira que ao ler todas aquelas páginas compactas, na sua maioria escritas à máquina, a um espaço, ficou com a certeza de que, um dia em que os descendentes autorizassem a sua publicação, estaríamos em presença de uma das melhores obras se não a melhor de Vitorino Nemésio. E pediu-me que intercedesse junto de Paulo Quintela para que ele, por sua vez, como Amigo íntimo da família, exercesse o seu magistério de influência. Quando lhe transmiti o recado, rejubilou pelo seu velho colega Nemésio, sempre era mais uma obra-prima sua ainda inédita, mas, ao mesmo tempo, entristeceu-se pela teimosia da família em não autorizar a sua publicação. Preconceitos tolos, desabafou. Dois dias depois, o filho de Nemésio chegou a casa de Paulo Quintela, que o convocara pelo telefone. Manuel Nemésio, que aos doze anos, era referido numa dessas cartas, datada de 17 de Julho de 1943,

desta maneira carinhosa [...] "Os meus dois filhos varões que encarreguei de me passarem o original à máquina (ganham, como dactilógrafos, 1\$ por página...) descobriram-me como romancista. Imagine! O Jorge disse: 'Que lindo que é o romance do Pai! E amigo Manuel (o de 12 anos), que ainda há pouco bocejava e saía do quarto se eu lia alguma página a amigos, resolveu dizer que 'aquela Margarida e aquele Roberto parecem mesmo vivos. Imagine, Maria, se não hei-de estar todo prezado, como se diz na nossa terra. Agora só falta que o livro apareça, visto que já cresceu". Por ele, Manuel Nemésio, contou-me depois Paulo Quintela, não havia qualquer dúvida, mas as irmãs... Prontificou-se, porém, a persuadi-las. Pelos vistos, nada conseguiu. E grande pena é que continue na treva uma obra que está suplicando para nascer e medrar e encantar os amantes da escrita em geral e da nemésiana em particular. Perde, por enquanto, a Literatura Portuguesa uma excelente obra a haver, na abalizada opinião do poeta e escritor Mourão-Ferreira. E eu acredito. Como também não posso deixar de acreditar em Fagundes Duarte, que já reuniu em volume um conjunto inédito de poesias eróticas das quais foram publicadas "Pedra de Canto" e "Araucária", e que Nemésio intitulou: *Cademo de caligraphia oferecido à menina maria victória pelo seu criado victorino*

nemésio. Sendo um livro à altura do Poeta de *O Pão e a Culpa*, não é ainda possível publicá-lo pelas mesmas razões atrás aduzidas... Por natureza, o Poeta é um amador, no genuíno sentido etimológico da palavra $\frac{3}{4}$ que ama. E Nemésio viveu sempre de amores intensos e incendiados... No primeiro dos dois últimos "Poemas Ilhéus" que publicou em vida escreve Nemésio: *Meus pais tinham a Vinha do Mão Roxa nas lavas / Onde um fumo de faia perfumava a cozinha / E três tálhões de Santa Maria, em vasos comunicantes, / Recebiam ao longo do beiral as águas bravas / Por dois buracos de telha por onde também vento vinha. / A lareira era esconsa, em abobadilha de barro, / Duas citrinas de ouro, par a par, davam flor, / Recebíamos leite à tarde, no seu tarro, / E suspeito que tive ali um breve amor. / Que eu tive muitos e numerosos mal, / Cada um, pela força, me parece o primeiro / (Não vou rimar este verso seguinte, / Quem rima chora o dia inteiro [...]).* E numa xácara, ao gosto popular, "Xácara de Rosa e Narciso", incluída, nas *Obras Completas*, no livro *Festa Redonda*, note-se esta alusão directa, mas transfigurada, ao seu grande amor contrariado: *Senhores, eu quero contar / Uma história verdadeira, / Que assucedeu, de uns amores, / Nesta Ilha Terceira. / Erguei-vos, covas da rua! / Abaixai-vos, flores da terra! / No*

causo não houve mortos, / Mas foi pior do que a guerra! // Ela era a Rosa do Maio, / Ele o Narciso da Fonte: / Botava o pião no adro, / Parece-não que foi ontem! //... Já tinha Rosa uns peitinhos, / Na varanda punderada, / Quando viu aquele rapaz, / De ronda à sua testada. // Bota-lhe uns olhos mimosos / Como a flor do pessegueiro, / Às escondidas da mãe, / Dama de dom verdadeiro. // Praticarem-se no muro, / Eram crianças... o quê! / Aquele bom modo, e um respeito / Que hoje em dia não se vê. // Assim lhes corria o tempo, / Mais leve que a leve pena; / Sempre davam uma fala, / Mas só de boca pequena. // Passam meses, pegam anos (Que esta vida é pegajosa): Na mão de Rosa $\frac{3}{4}$ um Narciso; / Nos olhos dele $\frac{3}{4}$ uma Rosa. / Nisto, ele vai para o Castelo / (Que o buço já lhe comia): / Rosa entretanto cheirava, / Rosa entretanto crescia. /... / Narciso e Rosa, apartados, / Juntavam-se em pensamentos: / Amor quer labutação, / Cancela, anéis, sentimentos. /... / Um dia (Nossa Senhora, / Dai-me alento e varonia!) / Chega o vapor da carreira, / Um pajem nele se via. // Falou a Maio na Rosa, / Que ela bem o recebia: / Pai e mãe não querem dar / Flor de tanta jerarquia... (continua)

Cristóvão de Aguiar



Confeção - Limpeza a Seco

Rua da Praça, 35
Telef./Fax: 296 474 189
e-mail: mmctsousa@net.sapo.pt

Vestuário de senhora por medida

*Vestidos de Noiva
Vestidos de Comunhão
Vestidos de Cerimónia*



*Tecidos a metro
Acessórios de costura*



Fardas e uniformes



*Limpeza a seco
Tratamento e conservação de peles*

Quiosque do Jardim

a tranquilidade de uma esplanada mesmo no centro da cidade!

JOSÉ DO COUTO, LDA.

AREIA DRAGADA
E AREIA FABRICADA

EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ◆ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
TEL.: 296 470 410 ◆ FAX: 296 470 419

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, N.º 3/1* Km. 10 Boqueirão - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



Rodeado de Ilha O Mirante

João Sousa Gomes



Como quem joga aos dados com a sombra. Foi numa dessas infundáveis tardes de agosto, na Caloura. Subira já, por várias vezes, ao mirante. Mas dessa vez senti-me cercado. Vou contar um pouco melhor.

O mirante deve-se, como muitos outros, ao excesso de pedras em terras de cultivo. Acabam por dar origem a essa espécie de mastabas que servem para observar todo o terreno que envolve a casa e, mais além, o mar da ilha.

O mirante é obra de arquitectura que resultou do revolver a terra para a tornar produtiva. As pedras são levadas para um extremo da propriedade, tal como sucedeu com o mirante que tão bem conheço. Volume forte, elevado da terra. Tem a forma de zigurate labiríntico. Subia geralmente pela entrada menos destruída. Mas mesmo a outra entrada do labirinto - tem dois percursos que nunca se encontram, a não ser no chão quadrado cimeiro -, acabei igualmente por a subir, depois de cortar ferozes ramos de silvas.

Guardo comigo o exacto desenho do labirinto de duplo percurso. Sei das suas pedras, das duas rampas ascensionais que nunca se encontram e que seguem paralelas e desniveladas; paredes e caminho que são corpo do mirante. No cimo fica uma pequena plataforma quadrada, onde o sol, por esses dias, parece ser do agosto a grande expressão.

Entrei por um dos lados. Pelo

percurso que fica junto do extremo da propriedade e que ladeia um caminho já de si cimeiro a um muro de pedra, que separa os terrenos da estrada vicinal. Provavelmente não pensava em nada que não fosse a geometria do mirante: os vincos da cal branca que sublinha os vértices ou o rebordo cimeiro e ascendente. O mais certo era seguir com atento automatismo as herbácias que nasciam e vingavam entre as pedras. A botânica sempre me interessou mais do que a arquitectura. Mas dessa vez senti que não estava sozinho.

Alguém subia pelo outro percurso. Seguia sempre um pouco mais acima. Sentia-me observado e não podia ver quem me observava. A subida rapidamente se revelou coberta de inesperado silêncio: nem os cães, nem o balido de uma cabra disposta a roer rebentos tenros; tudo parecia conformar-se com o voo planado de um milhafre.

Quando entrei na quadra cimeira do mirante já lá se encontrava a sombra. Não era a minha sombra quem me antecederia. E se acaso fosse, mais por pudor do que por temor, não a reconheci. Fiz de conta que coisa nenhuma sucedia. Olhei, como fiz de outras vezes, as copas das figueiras e um rude banco de pedra que ergueram num dos extremos do terreno. Olhei a casa e perdi-me (o verbo perder serve para justificar uma latente capacidade de abstracção) na

metallicidade do mar, no desenho de alguma embarcação. Foi então que a Sombra (merece maiúscula) se aproximou e ficou ao meu lado. Chegou mesmo a misturar a sua planura sombria no espaço do meu corpo. Como se sobre parte do meu corpo estivesse a exercer uma acção de eclipse.

Não me senti nem bem nem mal. Devo pertencer ao número dos mortais que não sente uma sombra descer em si. De resto, como já disse, não tive medo, senti somente um certo pudor. Percebi que tinha iniciado um jogo, no qual me envolvia sem interferência da vontade. Via-me a lançar pedra sobre pedra, dado sobre dado. Respondia às jogadas da Sombra.

"Aquele mar está na memória." Que lhe podia dizer, se não lançar-lhe o dado que me cabia em sorte. As palavras foram colocadas no chão do mirante, onde havia uns laivos de musgo verde que o assemelhavam a um tampo de mesa de jogo: "Tal como dentro de uma casa."

"Ou um cão vivo dentro de um bolso." Continuou. E eu joguei: "Um verdilhão debaixo da t-shirt. Dentro dos lençóis. Dentro da pele."

Logo o seu dado caiu: "Um cão porque vive é uma ferida viva, tal qual o homem."

"Tal qual o homem vai e vem entre o que vive e incomoda de vida." Disse-lhe, jogando. Senti um silêncio maior.

Intenso. Capaz de cortar as roupas do corpo e o alento do

próprio corpo. A Sombra tinha tomado espessura, como coisa real. A volumetria deu-lhe vida e, ao meu lado, no fim da tarde de agosto, no mirante da casa da Caloura, a Sombra tomou a forma de um ser indefinido. Quero dizer: era um humano, mas sem idade que se percebesse, nem sexo que o determinasse como homem ou mulher. Ouvi esse ser de sombra e mistura de pesada pedra. Disse, não para mim, mas para uma folha de plátano ressequida que o vento trouxera desde a esplanada da casa:

- "O que vive é espesso. O homem, o mar, o cão. O homem tem maior densidade do que o mar ou o sangue do cão. Espesso como o figo desta figueira próximo. Mas o figo é mais espesso se o homem o come do que o se homem somente o vê."

Julguei que o ser libertado pela Sombra tivesse voltado a lançar os dados. Respondi-lhe: "É espessa a vida de cada dia. Eu sei isso tão bem." Mas do outro jogador só obtive silêncio. Um silêncio maior do que todo o mirante. Pesado, como todo o silêncio que uma tarde de agosto pudesse consentir. Afastei-me. Desci o percurso do labirinto pelo lado oposto àquele por que subira. Abandonei a criatura ao esplendor da tarde. Segui pelo caminho mais distante e que se internava no espesso mato. Cheguei a casa pelo lado do mar. Entrei no meu quarto. Despi as minhas roupas, sem

me esquecer de tirar dos bolsos, de mistura com bolbos de beladona, recortadas e doces geografias insulares, que são, eu sei, uma espécie de pensamento que se determina além do sonho.

Deitei-me sobre a cama. No estuque do tecto está um círculo pintado. Contém dois corações rodeados de flores. Vi, então, o Enigma, tal como Aristóteles o refere numa passagem da *Poética*: a natureza do Enigma é esta: enquanto se dizem coisas reais, acrescentar-lhes coisas impossíveis. Ora não é possível fazê-lo quando se juntam nomes, mas é possível com a metáfora, por exemplo: "Vi um homem que, com fogo, revestia de bronze outro homem".

Dois corações presos à pintura de um tecto. Não é fácil encontrar a saída de um labirinto, mesmo quando o seu percurso se abre em dois caminhos paralelos que jamais se cruzam. Sobre a cama, à hora em que percebia pela casa vozes que me procuravam e que me ofereciam um aperitivo antes do jantar, sentia os olhos arderem, presos no mar, contemplado do mirante. Os meus olhos ardiam no excesso de luz. Enquanto ao meu lado, a Sombra, com quem joguei aos dados, parecia estar a querer dizer-me: "Alguém, no longe horizonte, a cada momento vem morrer."

No longe horizonte desse meu quarto de agosto, alguém veio morrer. Esse alguém, mais do que sombra ou vento, é barco que acabou de chegar do continente. Lembro-me. Todavia, hoje, o que mais quero é que me falem da próxima viagem à ilha. Alguém que venha e desça, tal qual a Sombra, e me fale de uma próxima viagem. E que me ajude a encher um saco com livros. Voltando atrás: disseram-me que não saí mais do quarto nesse dia. Que não quis saber do aperitivo (polpa de araquá diluída em bourbon, uma colher de menta e gelo; experimentem) e muito menos do jantar. De manhã, levantei-me cedo e segui para Ponta Delgada. Fui rever ao museu as delirantes naturezas-mortas do Morgado de Setúbal. Pintura onde não há lugar para nenhuma sombra; somente hortaliça e tranquilos perús.

João Miguel Fernandes Jorge

"O Melhor Café da Cidade" agora com dois novos lotes: Platina e Diamante



TABACARIA
Jovem

de João Carlos Ferrelra Medeiros

Rua de S. Francisco, 88
9600 - RIBEIRA GRANDE
Telefone: 296 473 670

Junto ao Hospital

Revistas e Jornais Nacionais e Estrangeiros

António Pedro Costa

continuação da pág. 3

E.O.- Prefere mais o campo ou a cidade? Explique.

A.P.- Fujo da cidade e refugio-me no campo. Vivo rodeado do verde das árvores e das plantas. Não gosto das grandes cidades e embora Montreal seja uma cidade encantadora, as grandes metrópoles e a pressão da vida citadina intranquilizam-me. Prefiro o sossego do campo, o ar despoluído e a ruralidade, onde as pessoas são mais humanas, mais atentas e mais amigas. Sinto-me bem e identifico-me totalmente com o campo.

E.O.- Para onde mais gosta de viajar?

A.P.- Gosto muito do Canadá, onde tenho a minha mãe e os meus irmãos. São viagens muito agradáveis e sinto-me completamente em casa. No entanto, se tenho possibilidade de viajar para a Europa, gosto de tomar contacto com a história, designadamente com o Renascimento, com a Época Imperial Romana, o que me dá um enorme prazer.

E.O.- O que o motiva para a causa pública?

A.P.- A vontade de trabalhar pela comunidade, a constante preocupação de ajudar as pessoas a resolverem os seus problemas, o contribuir para a concretização de aspirações da nossa população são as motivações básicas para estar a exercer funções públicas. Entendo que a nobreza do exercício da causa pública incita-nos a fazer sempre muito.

Sou uma pessoa com enormes inquietações sociais e considero-me não um predestinado, mas alguém com uma disponibilidade interior muito grande para estender as mãos aos que mais precisam.

João Paulo II, no Jubileu dos Políticos, disse que as funções de "autarca" são a forma mais sublime de exercer a caridade. Estou em acordo perfeito com o Papa.

E.O.- O que significa ser-se Presidente 24 horas por dia?

A.P.- Ser Presidente 24 horas por dia significa estar 100% disponível para os cidadãos. É, certo que é muito complicado em termos familiares, porque dedicamos a nossa vida à causa pública, mas quem corre por gosto não cansa. Ser Presidente 24 horas por dia, é ter a capacidade para receber pessoas a desoras; é ouvir bater à porta à noite ou ao fim-de-semana e atender convenientemente as pessoas e não responder como alguns, que sei que dizem que os procuram, que a sua casa não é o local do emprego...

E.O.- Há quantos anos anda ligado à vida política? Indique, cronologicamente, as funções públicas que já desempenhou.

A.P.- Dediquei-me à vida política desde 1980. Fui Adjunto do Secretário Regional do Comércio e Indústria, Chefe de Gabinete do Secretário Regional da Habitação e Obras Públicas, Presidente da Junta de Freguesia de Rabo de Peixe e Vereador da Câmara Municipal da Ribeira Grande.

E.O.- O que o irrita nos outros políticos? Dê exemplos em abstracto.

A.P.- Não gosto das meias verdades e insinuações maldosas, da arrogância, de alguns que se consideram os únicos senhores da verdade. Diz-se que a melhor defesa é o ataque e lá vão atacando tudo e todos, feitos sábios, denegrindo o trabalho do adversário para se defenderem das suas incapacidades. São os donos do mundo...

E.O.- Sente-se à vontade num debate público? Já alguma vez ficou enrascado em situações desse tipo?

A.P.- Por vezes, surgem algumas situações complicadas que temos que saber responder de forma ponderada e numa ou noutra ocasião não se consegue encontrar a palavra mais adequada. No entanto, sou estimulado pelos ataques num debate. Procuo ignorar a agressividade e ganhar controlo interior. Ninguém é perfeito e existem situações complicadas.

E.O.- Sempre perspectivou a possibilidade de vir a ser Presidente de Câmara? Porquê?

A.P.- Nunca. Apenas ponderei esta hipótese quando se proporcionou uma oportunidade de candidatura interna no meu Partido. Não quis ser Presidente para preenchimento do meu *curriculum* mas para poder contribuir para a resolução dos problemas das pessoas. Tenho uma enorme satisfação e a consciência do dever cumprido em cada ocasião que um problema é ultrapassado.

E.O.- Que comunicação social mais gosta: a audiovisual ou a imprensa? as duas? Fundamente a sua preferência.

A.P.- A rádio. A magia da rádio vem desde o tempo de criança, em que a voz e a música exerciam um poder sobre nós. Com a rádio vive-se o presente e em tempo real. Ela transporta-nos para todos os recantos do mundo.

Aprecio igualmente, sobremaneira, emissões em directo da televisão.

E.O.- Qual o livro que o marcou profundamente? Explique as razões.

A.P.- "Este Combate Não É Teu", de Paulette Boudet. Trata-se de uma história banal mas que toca o maravilhoso. Mais parece um "argumento de telenovela" tristemente brilhante, mas é uma aventura admirável e surpreendente. Leio e releio pela coragem e serenidade da descrição. Um livro que nos tranquiliza.

E.O.- Seria capaz de escrever um poema? Mostre a sua face criativa.

A.P.- Porque não? Não é a primeira vez que transponho para o papel alguns estados de alma... Mesmo atordoado pelo vai e vem ruidoso, Olho, absorto, a tranquilidade das Bretanhas, enquanto deparo com a dolência de passos vagarosos e de vergados rostos, que se encaminham levantando a mão, em sinal de gratidão. No largo da minha terra, eles passam o declinar da vida, à espera da mão que lhe traga o conforto que o mar lhes roubara. Fico queto e no silêncio consigo retribuir apenas um sorriso...

E.O.- Gosta de cinema? Comente um filme que lhe tenha sugerido uma boa lição para a vida.

A.P.- O cinema não me fascina. Entendo que os filmes devem contribuir para o lazer e gosto de um musical, de um comovedor romance ou de um histórico. Não aprecio as emoções fortes dos filmes.

E.O.- Qual o seu tipo de música? Indique nomes de artistas para si de eleição.

A.P.- Gosto muito de música clássica, mas deleito-me com as músicas de Joe Dassin e Jacques Brel. Fizeram-me sonhar e fico sempre perturbado interiormente quando os ouço.

Os clássicos relaxam e enchem-nos a alma de beleza e de magia.

E.O.- Acredita em Deus? Invoque razões da sua crença ou até mesmo da sua descrença.

A.P.- Sim, Deus está presente em nós e na harmonia das coisas. Quem não se maravilha com o verde das plantas ou o chilrear dos pássaros num amanhecer tranquilo? Ele está sempre connosco! Ele fala-nos através do perfume das flores e da harmonia das cores e pelo murmúrio do mar junto às areias negras das nossas ilhas. Deus tem um plano concreto para cada um de nós e pede-nos que O deixemos actuar por nosso intermédio e pelo nosso testemunho.

Na alegria ou na dor do dia a dia, sentimos a sua presença. Invocar o nome de Deus é transbordar de vida e é pedir as suas bênçãos. A oração é a força do homem e a "fraqueza" de Deus. Eu creio plenamente na Sua presença real e constante junto de nós.

E.O.- Que opinião tem sobre a condição humana?

A.P.- O homem é um ser frágil, mas com uma capacidade enorme para se superar. Consegue pela sua inteligência dominar o mundo, mas é impotente perante a morte. A alegria e a tristeza são estados de alma efémeros e torna consciência das suas limitações perante os fracassos.

Contudo, ele confia demasiado nas suas "ilimitadas" capacidades, dispensando a presença e actuação do Criador da vida. A clonagem é um exemplo como ele consegue maravilhar-se perante os seus avanços e as suas descobertas, mas é também um perigoso desafio que poderá levá-lo até à sua própria destruição. O homem foi criado tosco como barro do oleiro e foi e é moldado de diferentes formas, umas autênticas peças de artes, outras mais singelas, mas todas "produzidas" com o mesmo amor do Criador.

E.O.- Comunga da ideia de que o mundo cão um dia acabará? Porquê?

A.P.- O mundo vai acabar! Acredito plenamente nesta verdade porque o homem está a destruir o planeta e proximamente não haverá mais condições para o ser humano sobreviver. É verdade que o mundo foi inacabado para que o homem o aperfeiçoasse. Acontece que a ânsia exacerbada de perfeição e comodidade fez com que o homem não olhasse aos meios para atingir os seus objectivos e lá vai destruindo o nosso mundo.

E.O.- O que o preocupa mais no mundo contemporâneo?

A.P.- O recrudescimento da intolerância religiosa nalguns pontos do planeta, a fome e a guerra. No entanto, na nossa terra os problemas são outros, como a falta de condições de habitabilidade, o alcoolismo, a falta de autoridade, a droga e as agressões ambientais.

Ninguém tem a receita para resolver estes problemas de uma só vez, porque é preciso sensatez para os debelar. Temos a obrigação de contribuir todos de mãos dadas para evitar ao máximo a degradação das condições de vida.

Ricardo Silva

continuação da pág. 3

E.O.- Para onde mais gosta de viajar?

R.S.- Adoro viajar. Os Açores, Portugal Continental, a Europa e a América do Norte são espaços privilegiados. Contudo, outros existem de descoberta e aventura em que sonho conhecer.

E.O.- O que o motiva para a causa pública?

R.S.- O prazer da transformação e da construção no meio social onde vivo.

E.O.- O que significa ser-se Presidente 24 horas por dia?

R.S.- Ninguém é Presidente 24 horas por dia. Qualquer Presidente é um cidadão com responsabilidades acrescidas, mas que não deixa de ter papéis tão importantes como pai, marido, pessoa, etc. O que importa é que as horas em que trabalha sejam altamente proveitosas para a comunidade.

E.O.- Há quantos anos anda ligado à vida política? Indique, cronologicamente, as funções públicas que já desempenhou.

R.S.- Estou ligado à vida política há oito anos. Fui Vereador da Câmara Municipal da Ribeira Grande entre 1993-1996; coordenador do PS na Ribeira Grande desde 1995 e sou Director Regional da Habitação desde 1996.

E.O.- O que o irrita nos outros políticos? Dê exemplos em abstracto.

R.S.- Irrita-me substancialmente o fingimento, o fazer que faz e não faz e a ausência de compromisso profundo para com os outros. Não gosto de *estar* nos cargos, gosto que os cargos sirvam para *fazer obras*.

E.O.- Sente-se à vontade num debate público? Já alguma vez ficou enrascado em situações desse tipo?

R.S.- O debate é a essência da democracia. Quem não debate não é democrata, poderá ser monárquico, fascista ou até ter consciência ditatorial. A democracia é um exercício colectivo de confrontação de propostas que se querem positivas para a sociedade. Nestas eleições o PSD não existe para o debate, porque foge dele como o diabo da cruz.

E.O.- Sempre perspectivou a possibilidade de vir a ser Presidente de Câmara? Porquê?

R.S.- Como cidadão interveniente quero dar melhor qualidade de vida ao concelho da Ribeira Grande. O PSD anda a comprometer o futuro deste concelho desde 1976.

E.O.- Que comunicação social mais gosta: a audio-visual ou a imprensa? As duas? Fundamente a sua preferência.

R.S.- Toda a comunicação social é importante pela diferença com que se dirige aos cidadãos. Gosto de conviver

com o que a TV mostra, mas também com a reflexão dos jornais e a oportunidade da rádio. Contudo, sou um devorador de jornais e revistas. Não concebo um dia sem informação.

E.O.- Qual o livro que o marcou profundamente? Explique as razões.

R.S.- A Bíblia, na versão do Novo Testamento. O mandamento "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" é um hino e um guia supremo à solidariedade humana que marcou indelevelmente a minha formação.

E.O.- Seria capaz de escrever um poema? Mostre a sua face criativa.

R.S.- A poesia sublima o Homem e a Natureza. Toda a gente faz poemas ainda que com o seu silêncio. O meu filho de três anos quando me oferece uma flor está a fazer um poema. Sublima uma relação.

E.O.- Gosta de cinema? Comente um filme que lhe tenha sugerido uma boa lição para a vida.

R.S.- Sou um incondicional do bom cinema. *A Vida é Bela*, de Begnini, é um grande filme: uma lição de vida. Contudo, a *vida real* é a melhor ficção a que tenho assistido, constituindo esta uma lição permanente para a vida.

E.O.- Qual o seu tipo de música? Indique nomes de artistas para si de eleição.

R.S.- A beleza superior da música conduz-me a um ecletismo difícil de precisar na eleição de alguém. Adoro música de câmara como gosto de folclore açoriano. O tipo depende do estado de espírito.

E.O.- Acredita em Deus? Invoque razões da sua crença ou até mesmo da sua descrença.

R.S.- Acredito de forma profunda e activa na mensagem de Jesus Cristo. A razão está na solidariedade para com os outros.

E.O.- Que opinião tem sobre a condição humana?

R.S.- Marlaux, escritor francês, definiu-a bem no seu livro "A condição humana". O melhor e o mais belo; o pior e o mais hediondo. Contradições do Homem.

E.O.- Comunga da ideia de que o mundo cão um dia acabará? Porquê?

R.S.- A ausência de bom senso pode conduzir o Homem à sua destruição. A ganância absurda e desenfreada está a fazer da Terra um lugar de muito sofrimento.

E.O.- O que o preocupa mais no mundo contemporâneo?

R.S.- A grande exploração a que crianças, mulheres, homens e a própria Natureza são sujeitas pelo próprio Homem. A pobreza, material e espiritual, é algo que me amargura decididamente.

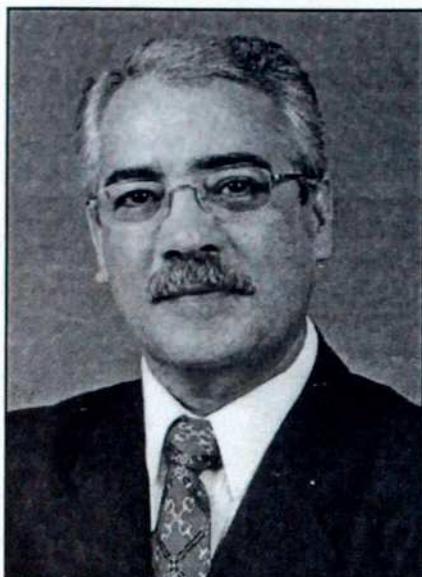
Rádio Nova Cidade



**105.5
FM**

Telfs. 296 472 738 / 296 472 802 Fax: 296 472 654 e-mail: rnc@azores.net

II Parte: Pelo menos três Ribeiras Grandes?



E.O.- Considera que seria muito mais viável a Freguesia da Maia constituir-se em Concelho, já que a partir do Porto Formoso até à Lomba de São Pedro perante uma realidade que se sente, historicamente, autónoma?

A.P.- Não concordo, porque quanto mais pequenos formos mais frágeis seremos. Contudo, a vontade da população deve sempre prevalecer. Assim, se for da expressa determinação do povo encaminhar-se para esta solução, porque havemos de impedir?

Que se veja o que aconteceu em Toronto, que era uma grande metrópole canadiana e passou a integrar todas as outras cidades satélites, transformando-se numa megacidade.

E.O.- E o caso de Rabo de Peixe, em declarações a um órgão de comunicação social escrita de Ponta Delgada, nas últimas eleições autárquicas, um autarca falou de uma mini-câmara: se a Freguesia também se constituísse como Concelho os seus problemas seriam melhor resolvidos?

A.P.- Relativamente a Rabo de Peixe, acredito que um reforço de poderes na Junta de Freguesia poderia ajudar a resolver os inúmeros problemas que surgem no dia a dia. Muitos concelhos dos Açores não têm uma população equivalente àquela freguesia. No entanto, eles têm os meios técnicos, humanos e financeiros para gerirem e Rabo de Peixe não tem nenhum. É preciso olhar para esta questão de frente e procurar dotar a freguesia dos meios indispensáveis.

E.O.- Poderemos falar em três Ribeiras Grandes: uma com a Maia à cabeça, outra com Rabo de Peixe e uma última com a Cidade propriamente dita? Em sua opinião, que vantagens e desvantagens daí adviriam?

A.P.- Há muitas soluções administrativas que poderiam ser ensaiadas. Contudo, nenhuma solução será vantajosa se não houver os meios suficientes para gerir localmente e resolver os problemas.

E.O.- Não há muito tempo, o Presidente da Junta de Freguesia do Pico da Pedra, eleito pelo PS, declarou a um órgão de comunicação social de Ponta Delgada que, às vezes, pensava nas vantagens de pertencer ao Concelho de Ponta Delgada. Que acha disso?

A.P.- O Pico da Pedra fazia parte integrante de Rabo de Peixe. Portanto, historicamente, a freguesia nunca esteve ligada a Ponta Delgada. Por isso, na minha opinião, se não respeitarmos a história, estaremos a hipotecar o futuro.

Alguns dos que advogam esta solução nem nasceram na freguesia, adoptaram-na recentemente. Por outro lado, sabe-se que Ponta Delgada é o centro dos negócios dos Açores, o local dos empregos oficiais, enfim é a macrocefalia da Região. Por isso, é normal que as pessoas se desloquem a Ponta Delgada para tratar dos assuntos pessoais. Assim sendo, embora discordando frontalmente dessa opinião, sejam os picopedrenses a decidir...

E.O.- Qual, pois, o lugar da Cidade no Concelho? Como articular a “cabeça”, que é a Cidade, com o restante “corpo”, freguesias?

A.P.- Temos que valorizar e promover a cidade, a fim de que toda a população do Concelho possa orgulhar-se de pertencer à Ribeira Grande. Se as pessoas não se revêem na sua cidade, tendem a não amá-la. Por isso, entendo que o Concelho da Ribeira Grande tem dimensão de um Concelho pequeno, relativamente ao País, mas grande, no contexto dos Açores e deve permanecer como está. Todavia, importa que a cidade tenha todos os instrumentos para desenvolver as freguesias, na medida em que ao progresso das partes corresponderá o desenvolvimento do Concelho no seu todo.

A cidade, para se desenvolver e ser mais importante, precisa de Serviços que não tem e caberá às instâncias do poder regional e nacional atender às reivindicações encetadas neste sentido.

E.O.- A Cidade legalmente é formada por quatro freguesias (Ribeirinha, Matriz, Conceição e Ribeira Seca), proximamente será por cinco (com a inclusão de Santa Bárbara), na prática, há quem comente, tem sido constituída por seis: Rabo de Peixe. Esta freguesia, em 17 anos dos 25 de governo autárquico, deu dois presidentes e nos restantes oito, um Presidente da Assembleia Municipal. Que leitura faz destes factos? Pode-se dizer que, face ao Concelho, a Cidade de Ribeira Grande ‘não pode com uma gata pelo rabo?’

A.P.- Estes comentários são descabidos, na medida em que todas as 14 freguesias pertencem a este Concelho, sob pena de se promover a sua desintegração. Saberão esses comentadores quantos presidentes de câmara deste País, não nasceram, não vivem, nem tão pouco têm ligação à cidade sede ou às freguesias do concelho onde foram eleitos? Pelo menos aqui no nosso Concelho há uma ligação forte do Presidente ao Concelho.

Por outro lado, incentivar que apenas seja Presidente uma pessoa da cidade é desrespeitar toda a população do Concelho! Daqui a dias, os mesmos comentadores poderão exigir que o Presidente seja do Largo Hintze Ribeiro ou da Rua El-Rei D. Carlos I, num círculo de 500 metros da Câmara Municipal.

Em democracia, deve-se respeitar a vontade das maiorias e felizmente a população da cidade da Ribeira Grande não discute estes problemas de lana caprina.

E.O.- O PSD tem sido o único responsável pela governação autárquica. Como seu militante assume a incapacidade do seu partido nas últimas duas décadas para afirmar o Concelho e a Cidade na Região?

A.P.- Esta pergunta mais parece uma afirmação de um político partidário. Perante essa afirmação posso dizer que os Açores deram um enorme salto, em termos de qualidade de vida, durante duas décadas, retirando-se do ostracismo as suas parcelas mais pobres. A Ribeira Grande foi menos beneficiada porque era uma das melhores e das mais desenvolvidas localidades dos Açores.

Se é certo que, num determinado período, não se aproveitou convenientemente os apoios da Europa, posso garantir que nos últimos anos a Ribeira Grande utilizou as verbas comunitárias até ao último tostão, possibilitando mais desenvolvimento e mais progresso no Concelho. A Cidade e o Concelho têm-se afirmado no contexto dos Açores. Não podemos é ombrear com a capital económica e de serviços, mesmo aqui ao lado...

Não vejo que a Ribeira Grande tenha ganho noutras circunstâncias...



E.O.- Considera que seria muito mais viável a Freguesia da Maia constituir-se em Concelho, já que a partir do Porto Formoso até à Lomba de São Pedro estamos perante uma realidade que se sente, historicamente, autónoma?

R.S.- O que é preciso fazer é acelerar muito mais o desenvolvimento da zona nascente do concelho. Zona riquíssima pela sua produção agrícola e pecuária, a qual tem estado completamente ao abandono pela Câmara PSD. As potencialidades turísticas estão a esmo à espera de investimentos necessários.

E.O.- E o caso de Rabo de Peixe, quando em declarações a um órgão de comunicação social escrita de Ponta Delgada, nas últimas eleições autárquicas, um autarca falou de uma mini-câmara: se a Freguesia também se constituísse como Concelho os seus problemas seriam melhor resolvidos?

R.S.- A estratégia definida e já compreendida pelo Governo Regional é seguramente a mais correcta: integrar investimentos. Uma Câmara Municipal actuante em sintonia com o Governo Regional é a estratégia a seguir. Agora, a Câmara Municipal, ao longo destes anos, não tem concretizado absolutamente nada em Rabo de Peixe, colocando-se mais a actual Junta de Freguesia numa pura posição de exigência, sem dar qualquer exemplo da sua capacidade executiva, com a agravante de ter consciência plena dos seus problemas.

E.O.- Poderemos falar em três Ribeiras Grandes: uma com a Maia à cabeça, outra com Rabo de Peixe e uma última com a Cidade propriamente dita? Em sua opinião, que vantagens e desvantagens daí adviriam?

R.S.- Sou adverso a qualquer partição do concelho, porque dela resultará mais fraqueza para cada uma das partes e mais despesa pública em termos administrativos, perfeitamente dispensáveis. O que é preciso é dar condições de desenvolvimento a cada uma das diferentes partes do concelho consoante as suas potencialidades.

E.O.- Não há muito tempo, o Presidente da Junta de Freguesia do Pico da Pedra, eleito pelo PS, declarou a um órgão de comunicação social de Ponta Delgada que, às vezes, pensava nas vantagens de pertencer ao Concelho de Ponta Delgada. Que acha disso?

R.S.- Só foi possível o Sr. Presidente da Junta falar assim pela grande discriminação e abandono a que esta Câmara Municipal tem votado o Pico da Pedra, pelo facto da sua Junta ser do PS.

E.O.- Qual, pois, o lugar da Cidade no Concelho? Como articular a “cabeça”, que é a Cidade, com o restante “corpo”, freguesias?

R.S.- O concelho da Ribeira Grande pode orgulhar-se de ter um conjunto de freguesias com uma diversidade socio-económica e cultural interessante e pujante. É preciso fazer

crescer harmoniosamente todo o concelho consoante as necessidades de cada comunidade. Não defendo desequilíbrios de investimentos. A cidade precisa de se desenvolver, nela vive 1/3 da população do concelho, mas é preciso dignificar cada freguesia para que as populações sintam bem-estar e desejo de permanecer nos sítios onde nasceram.

E.O.- A Cidade legalmente é formada por quatro freguesias (Ribeirinha, Matriz, Conceição e Ribeira Seca), proximamente será por cinco (com a inclusão de Santa Bárbara), na prática, há quem comente, tem sido constituída por seis: Rabo de Peixe. Esta freguesia, em 17 anos, dos 25 de governo autárquico, deu dois presidentes e nos restantes oito, um Presidente da Assembleia Municipal. Que leitura faz destes factos? Pode-se dizer que, face ao Concelho, a Cidade de Ribeira Grande ‘não pode com uma gata pelo rabo?’

R.S.- A população da Ribeira Grande confiou em demasia no PSD e nos seus dirigentes locais e regionais. Este foi e espero que não continue a ser o erro e o preço da população ribeiragrandense. A sua confiança tem sido sistematicamente defraudada. Dirigentes há que não conhecem o concelho e não contactam com as populações. A Ribeira Grande tem de acreditar que o seu desafio próximo é procurar rumo diferente junto do PS, como os Açores já o fizeram, ou deixar tudo como está, votando no PSD.

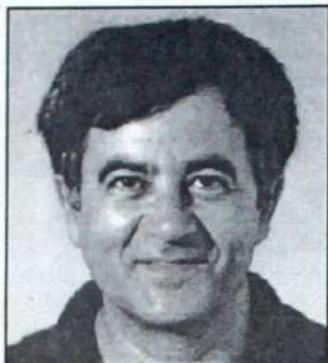
E.O.- Como militante do PS, antes o maior partido da oposição, agora partido do governo, assume a incapacidade do seu partido nas últimas duas décadas para afirmar o Concelho e a Cidade na Região?

R.S.- Aquilo que hoje é o concelho da Ribeira Grande é da inteira responsabilidade do PSD. É uma responsabilidade histórica, com rosto bem carregado de negro. O PSD teve tudo para transformar a Ribeira Grande num lugar de grande dinâmica social. Não o fez e não o faz. Continua a fingir e os seus dirigentes ao longo destes anos devem estar de consciência bem pesada. O PS continua a lutar para transformar tal estado de coisas, assistindo a coisas fantásticas que a actual Câmara Municipal vem prometendo e a que os ribeiragrandenses nunca vêem. Por isso, a alternância é uma exigência política e social. É uma exigência do futuro. A população ribeiragrandense dirá o que quer do futuro.

a Estrela Oriental
na
WEB
aestrelaoriental.cjb.net

Património Histórico Delapidado

Inventariar para Proteger?



Está em curso o Inventário do Património da Ribeira Grande, por iniciativa da Direcção Regional da Cultura, à semelhança do que foi feito noutros Concelhos da Região.

Entretanto, algo deve ser feito para que não desapareça tudo o que ora está sendo inventariado e está em ruínas, como as fábricas do linho, da chicória, do tabaco, ou os moinhos de água destruídos ou abastardados.

Memória da II Guerra Mundial

Em 22 de Junho de 1999, há mais de dois anos, a Assembleia Municipal aprovou a proposta que lhe apresentei, do seguinte teor:

O Património Histórico é importante ser salvaguardado, não na razão directa da sua antiguidade, mas sim da importância relativa dos factos e acontecimentos que testemunham.

O antigo Campo de Aviação de Santana e todo o complexo de defesa de artilharia de costa que foi construído em abrigos ao longo do litoral da Ribeira Grande, assumiram um papel estratégico importantíssimo, antes e depois das construções das pistas de Santa Maria e das Lajes, durante a II Guerra Mundial.

Por incúria e ignorância, algumas dessas instalações foram já completa e irremediavelmente destruídas.

A Assembleia Municipal da Ribeira Grande, ciente que os factos importantes da História de há 60 anos devem ser tão respeitados, estudados e divulgados como os de anos mais recuados, apela à preservação do que resta

daquelas instalações.

Como desde então nada foi feito, para corresponder ao apelo dos representantes eleitos deste Concelho, urge chamar a atenção para evitar que todo aquele Património se perca.

O Abrigo do Bandedo ficou transformado numa ruína irreconhecível e o do Areal de Santa Bárbara continua quase completamente soterrado, apesar do arranjo feito no local.

O que se situa debaixo do Mirante de Santa Luzia tem sido alvo de delapidação contínua, por desleixo e esquecimento das entidades que o deveriam zelar. Neste momento está transformado numa imunda latrina.

O "aero-vacas" é o testemunho da insensibilidade para velar pelo testemunho de uma época cuja História deveria ser contada através das testemunhas vivas, por diversos documentos como ilustrações, recortes de jornais, fotografias e filmes. Mantendo, tanto quanto possível, os locais como núcleos museológicos. Em qualquer outro sítio, por muito menos, se faria local de visita obrigatória.

Ponto estratégico vital

Portugal e Espanha seguiram uma estratégia de neutralidade na II Guerra Mundial, mantendo o equilíbrio para evitar uma ocupação alemã de Espanha e uma ocupação inglesa de Portugal e particularmente uma ocupação dos Açores por parte dos Estados Unidos, que fariam



Arquivo Carita

de nós alvo dos ataques e bombardeamentos das potências em conflito.

O senador americano Pepper defendeu (6 de Maio de 1941) a ocupação dos Açores, num discurso no Senado previamente aprovado pelo presidente Roosevelt. Este defende em 27 de Maio a importância decisiva das ilhas portuguesas e a instalação dos americanos nesta posição antes que os alemães o façam. Tal poderia ter servido de pretexto a uma invasão alemã de Portugal.

As diplomacias portuguesa e inglesa concordam com o reforço militar nos Açores, mas de tropas portuguesas, o que vem a ter a concordância de Roosevelt, em carta pessoal dirigida a

Salazar (8 de Julho de 1941) dispõe-se a "auxiliar o reforço de defesa" para que "não seja violado o domínio soberano de Portugal sobre aqueles territórios".

O Governo Português toma a decisão de se transferir para os Açores, no caso de vir a ser atacado no continente pelos alemães, pedindo o apoio da esquadra inglesa para manter as comunicações e solicita alguma artilharia anti-aérea para tornar eficaz a defesa das ilhas. Esta decisão é acolhida com aplauso pelos ingleses.

Em Junho de 1943, perante a gravidade da guerra submarina conduzida pelos alemães são

pedidas facilidades nos Açores para os ingleses, ao abrigo da Aliança secular, o que vem a acontecer em Outubro desse ano. A pista de Santa Maria e mais tarde a das Lajes são construídas pelos ingleses. A pista de Santana era a única que existia em S. Miguel e continuou durante anos a ser de fulcral importância civil e militar.

Alerta

Seria a demonstração de uma profunda negligência, desprezar o contributo dos que não querem ser responsabilizados por deixar transformar em ruínas e latrinas o testemunho de factos históricos lamentavelmente desconhecidos pela maioria.

Correspondam ao apelo de dar a conhecer os locais que simbolizam a importância que teve esta terra no xadrez político e diplomático durante e após a II Guerra Mundial.

Dêem importância ao que de facto merece, em vez de se entreterem com encenações de realézas que tiveram o que mereceram em 5 de Outubro de 1910 por terem um desprezo profundo pelo povo e pelo país a que chamavam "porcalhota".

Luís Noronha

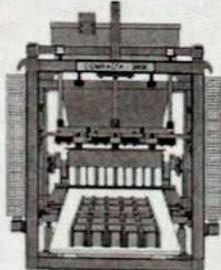


Arquivo Carita

JOÃO GOUVEIA MONIZ & FILHOS, LDA.



CONSTRUÇÃO CIVIL
MADEIRAS · BLOCOS DE CIMENTO
VIGAS E ABOBADILHAS
CARPINTARIA MECÂNICA
MÁQUINAS DE TERRAPLANAGENS · CAMIONS



SEDE: RUA DO MOURATO, Nº 70

Telfs. 296 472 377 - 296 472 468 - Fax 296 473 022

RIBEIRA SECA - 9600 RIBEIRA GRANDE

SÃO MIGUEL - AÇORES

Esperamos por si...



CENTRO COMERCIAL RIBEIRA GRANDE

TELEFONE 296472402

CAPOTE E CAPELO

Estou em crer que foi na Ribeira que o uso do capote e capelo se manteve por mais tempo, a ponto de constituírem motivo de interesse fotográfico as derradeiras aficionadas desta típica indumentária, cuja origem histórica nunca me interessou. O facto de a ter em casa, com serventia frequente, ter-me-á levado a considerá-la simplesmente natural, tomando como despreciosa qualquer investigação. Segundo me diziam, o capote existente naquela gaveta havia pertencido à minha avó materna que o usara com desvelo, a ponto de o legar incólume à geração seguinte que dele se serviu com semelhante sentido de curial resguardo. Das duas peças, a que mais cuidado exigia era, sem dúvida, o capelo. Totalmente entretelado e armado com barbas de ambos os lados, a mínima desatenção no modo como era tratado poderia ser-lhe fatal. Bastaria uma barba partida ou tão-só amolgada para lhe defraudar o carácter e lhe roubar elegância. Era esta uma das razões por que, em dias de vento, ninguém saía de casa de capote e capelo, tal a facilidade com que este virava, por mais exímia que fosse a estratégia de o segurar e a prática de o manter seguro com uma das mãos - a direita - na base do pescoço, onde fechava com apenas

um colchete. Manter o capelo no seu lugar quando, inesperadamente, uma rabanada de vento sobrevinha, requeria artes de timoneiro, sendo talvez também por isso (e não só por causa da sua forma) que, um tanto pejorativamente, o chamavam de "vela". O capote oferecia igualmente dificuldades nestas condições. Embora pesado, ou talvez por isso mesmo, qualquer enfunção poderia tornar incontrolável aquele mar de tecido de lã azul-ferrete, densamente pregueado desde os ombros e ainda por cima talhado de viés. Nunca lhe medi o perímetro, nem vou desdobrá-lo agora para este apuramento, mas estou convencida de que a fimbria inferior terá cerca de oito metros. Havia capotes e capotes. Dizia-se "um capote da peça" quando o tecido utilizado na sua confecção era não só o de melhor qualidade como também o que fora deliberadamente adquirido para o efeito, distinguindo-se este dos outros de segunda mão, onde o uso ou o descuido deixara sequelas mais ou menos visíveis, mesmo a certa distância. Um capote e capelo era um traje de extrema conveniência. Dona de casa a quem, no meio de grandes limpezas, faltasse o sabão, poderia, sem mudar de roupa, sair a comprá-lo, bastando-

lhe, para isso, lançar aos ombros o capote, e à cabeça um lenço e o capelo. Para além desta estimável funcionalidade, há a considerar o anonimato que, embora relativo, proporcionava à utente. Escondendo o rosto, e sendo um vestuário amplo e talar, não era fácil reconhecer quem o envergava, restando somente hipóteses formuladas a partir de traços distintivos resultantes de conhecimentos prévios. Assim, as conclusões a que se chegava tinham por base o modo de andar, a altura da



pessoa, a inclinação das costas, o desaguamento dos ombros, os sapatos, a mão visível. Mas ainda assim podiam sobrar algumas dúvidas. Quando se dizia: "Pela

passada miúda, deve ser fulana", bem se poderia estar excluindo todas as outras com passadas de igual amplitude. O capote e capelo favorecia, pois, uma aura de mistério, de segredo e, certamente, denunciava uma atitude de decoro ou pudor. Com o passar dos anos, o traje passou a identificar, sem margem de erro, as duas últimas criaturas que dele faziam uso. Não terão conta as noivas que casaram de capote e capelo e, fazendo-o com um "da peça" iniciavam a prosperidade da família e, em suposições daí decorrentes, o quilate do bragal. Sendo uma peça dispendiosa, não é de estranhar que fosse objecto de estima tanto mais aturada quanto se foi tornando mais rara e hoje só existente para efeitos de folclore. Dobrar o capote exigia uma técnica que nunca me dispus a aprender. Lembro-me de o ver desandado em cima da maior mesa desta casa. Era uma coisa imensa e como que dominadora, conquanto não resistisse ao virtuosismo de quem lhe dava as voltas certas até reduzi-lo a um triângulo de 70 por 50. Só então se abria a gaveta da cómoda que, em exclusividade, ocupava. Chama-se-lhe mesmo "a gaveta do capote" e é diferente de todas as outras. Dir-se-ia que o disfarce que o traje por certo

representava se prolongava no sítio que o continha. É a última gaveta e não tem puxadores. De pouca profundidade, o seu exterior nada mais parece do que uma aba rematante do móvel, abrindo por baixo, onde existem duas concavidades que só habituados dedos encontram. Em cima do capote repousa o capelo, ambos envoltos num tecido de algodão. Incapaz de os retirar dali, admitindo que não terei nunca possibilidades de os acondicionar convenientemente, apenas os espreito, passando a mão pelo veludilho das vistas que as dobras da praxe deixam, em parte, à mostra. Lembro-me de, um dia, ter usado este capote e capelo só para ver como era, com grande relutância da proprietária sempre receosa de algum percalço que, felizmente, não aconteceu. Eu era muito nova, na altura, e à medida que avançava na rua, apesar do peso, apesar do calor, senti o indizível prazer de dar conta de tudo sem que ninguém de mim desse. Ia ali a sós comigo e de certo modo com quem já o usara antes. Com grande relutância, deixaria que apenas filha minha hoje o usasse. Só para ver como era.

Maria de Fátima Borges

ESCLARECIMENTO

Na recente edição do jornal que V. Ex. dirige foi publicado um artigo do vosso colaborador Daniel de Sá o qual tece algumas considerações sobre o que ele alega de despromoção da Ribeira Grande. Sobre o assunto, entendeu esta Junta de Freguesia enviar fotocópias de alguma documentação existente nos nossos arquivos bem como uma explicação sobre o actual nome desta Freguesia. Como certamente sabeis, o núcleo central da Cidade da Ribeira Grande é constituído por duas freguesias: as vulgarmente chamadas de Matriz e Conceição. Após a tomada de posse dos actuais elementos que constituem a Junta de Freguesia, desencadeámos um processo de elaboração e aprovação dos símbolos heráldicos desta Freguesia. [...] símbolos estes inexistentes até à data. Uma das respostas surpreendeu-nos visto que fomos alertados para o facto de a Freguesia não se chamar "Freguesia de Matriz - Ribeira Grande" como popularmente é conhecida, mas sim "Freguesia de Ribeira Grande (Matriz)". Face a tal situação foram os símbolos alterados e aprovados pela Assembleia de Freguesia, entidade competente para tal. Assim, e contrariamente ao afirmado pelo Sr. Daniel de Sá, não se trata de uma despromoção da Cidade a Freguesia mas sim uma total falta de conhecimento por parte do vosso colaborador. Atendendo a tudo o que atrás se disse, seria de toda a conveniência que mandasse alterar a denominação desta Junta de Freguesia na vossa página sobre utilidades públicas. Ainda na mesma edição do vosso jornal e na rubrica "Contrastes" aparece uma fotografia do jardim do lado sul da Igreja Matriz da Ribeira Grande. Sobre o assunto, informamos V. Ex. que em 2001/08/07 foi aprovado em reunião da Câmara Municipal da Ribeira Grande o projecto de recuperação e revitalização urbana do referido jardim, obra a cargo desta Junta de Freguesia e que só não se iniciaram as obras atendendo ao facto de estarem muita próximas as festividades do Sagrado Coração de Jesus. Contamos ainda durante o corrente mês iniciar mais este empreendimento na nossa freguesia. Esta Junta de Freguesia encontra-se disponível para qualquer esclarecimento que considerem pertinente quer sobre estes assuntos quer ainda sobre outros futuros. Certos que este nosso esclarecimento terá o tratamento que merece, apresentamos os nossos melhores cumprimentos.

O Presidente da Junta de Freguesia
Albano Melo Garcia

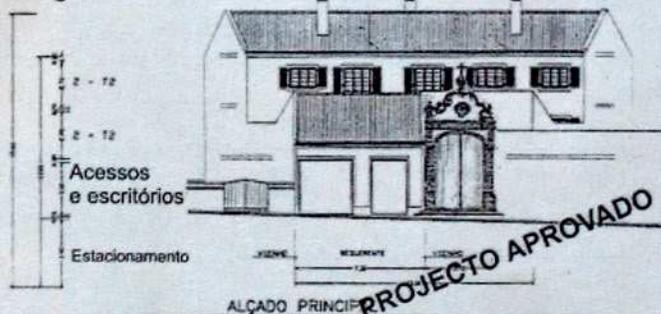
CONSTRUÇÕES

A Alvará nº 33292 (50.000cts) Alvará nº 33288 (100.000cts)

Fernando Terceira

Loja 1: Rua Gonçalo Bezerra, 18 - Ribeira Grande
Tels: 296 474 462 / 485 / 486 - Telex: 96 4863 276
Loja 2 e Escritórios: Rua dos Foros, 27 R/C - Ponta Delgada
Tels: 296 281 844 / 847 / 921

Largo das Freiras Ribeira Grande



A TINTA QUE VENCE NA QUALIDADE E NO PREÇO!

ala boote

Boa Gastronomia
com o Mar
Como Horizonte

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023

Assine, divulgue e comente

A Estrela Oriental

A Ribeira Grande em Jornal

Desenvolvimento dos Privados nelsontavares@mail.pt



(Continuação da última página)

sempre nos orgulhou foi a de termos uma indústria de produção de licor maracujá, com um alcance não só regional e nacional como, também, internacional.

Com a vinda de um hipermercado, o poder de opção será maior e julgo que não se verificará falências nos pequenos comerciantes, pelo simples facto de o pequeno comércio ter a sua própria clientela, que se desdobra entre eles e as grandes superfícies. Quando os hipermercados abriram em Ponta Delgada, muitas pessoas, da Ribeira Grande, passaram a fazer as suas compras nas grandes superfícies e isto não foi uma realidade que fizesse diminuir o número de clientes nas lojas da localidade.

Contudo, a grande superfície irá por fim, sem dúvida alguma, ao que se pode chamar "conformismo comercial". A concorrência irá ser muito maior e as consequências trarão uma vaca com menos tetas. Mas, todos terão a sua teta. Em Ponta Delgada, todos ficaram com a sua clientela, por que havia de na Ribeira Grande não acontecer o mesmo? Os pequenos comerciantes têm de começar a apostar em maneiras mais apropriadas de chamar a atenção do seu cliente. Os clientes têm de se sentir mais confortáveis. Digo isto pelo simples

facto de, por exemplo, a rua Direita estar sufocada e de termos passeios diminutos, que não dão para passear de "mãos dadas".

Com uma oferta diversificada de produtos, o poder de escolha será maior. Uma disposição remetida, actualmente, à pouca variedade de preços, com excepção de algum material. Ou seja, verifica-se que, na Ribeira Grande, se qualquer pessoa quiser comprar, por exemplo, um livro, um computador, um CD, uma casete de áudio ou vídeo, bolos de aniversário, peixe fresco ou carne terá poucas opções na sua escolha. Por outro lado, podemos optar, por exemplo, por comprar roupa, sapatos, material de construção civil e mobiliário, ou comer e beber num restaurante, bar ou café onde nos apetecer, por existir uma forte implementação nestas áreas.

O hipermercado permitirá algo que em muitas superfícies não acontece. As normas de relações de trabalho serão muito positivas. Digo positivas porque existirá um horário de trabalho, montantes salariais fixos, sistema de carreiras profissionais, cláusulas de segurança social, seguros, etc... algo que deixa muito a desejar em alguns privados da Ribeira Grande.

Mas, por outro lado, temos que ter em atenção outros aspectos. O mais problemático reside no facto do edifício comercial (hiper) estar "sufocado" por entre o centro da cidade. A verdade é que a Ribeira Grande é enorme e, inadmissivelmente, não surgiu outra zona mais aberta, que pudesse controlar melhor os descarregamentos de mercadorias e o imenso trânsito nas únicas entradas e saídas para e do norte. Enquanto não existir outras alternativas ao trânsito, aquela zona vai-se transformar num "antónimo rodoviário". Sem dúvida que irá provocar grandes dores de cabeça, principalmente em hora de ponta, a

todos aqueles que vão passar pela cidade e a todas as pessoas que dirigir-se-ão para o hiper, tanto pela via de cima como pela de baixo. Obrigatoriamente, o governo, através da Secretaria dos Equipamentos e Habitação, terá de avançar com a via de ligação ao norte da ilha e a Câmara Municipal terá de apresentar, a curto prazo, um projecto para a via litoral (pondo-o em prática, no mínimo, daqui a dois anos); permitindo, assim, que o trânsito diminua no centro da cidade. Não se pode apenas aprovar os projectos de poderes privados sem que para isso se crie condições, por parte do poder público, de desenvolvimento construtivo.

Deste modo, a Ribeira Grande está a transformar-se, e com a ajuda das novas remodelações, que se estão a efectuar no pequeno e grande comércio, num grande centro comercial cidadão. A verdade é que se não existisse comércio a Ribeira Grande nem sequer poderia ser cidade. Com a vinda de uma grande superfície, todos os Ribeira-grandenses esperam que este investimento os favoreça e faça com que o pequeno comércio se transforme em "adversário concorrente" e não em inimigo. Todos temos a noção que a necessidade de desenvolvimento é evidente e, com o aparecimento de um hipermercado, o comércio terá de se adaptar, principalmente a novos preços e a uma diferente atitude. Os poderes locais e regionais terão de ser mais agressivos e menos conformistas. Tudo pelo bem do consumidor e pela sua liberdade de escolha.

Nelson Tavares

Segundo Pólo Piscatório de S. Miguel joaot@notes.uac.pt

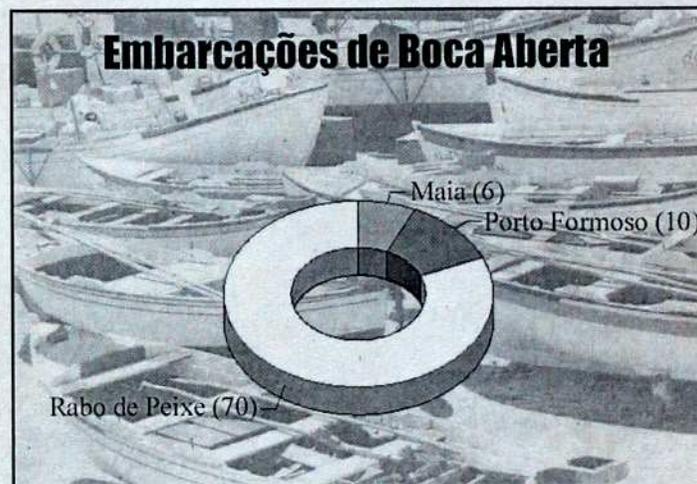
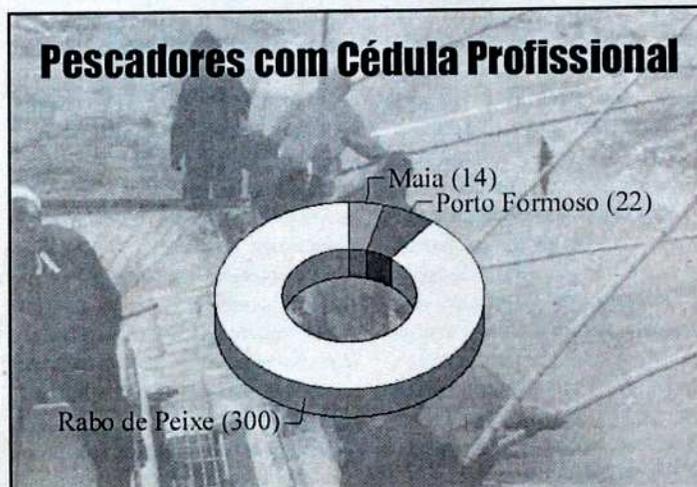
(Continuação da última página)

contributo social. Existem cerca de 300 pescadores com cédula profissional em Rabo de Peixe, 22 no Porto Formoso e 6 na Maia. Considerando que grande parte dos agregados familiares dos pescadores de Rabo de Peixe são caracterizados por um elevado número de filhos, então podemos concluir que a pesca constitui o sustento de largas centenas de pessoas daquela freguesia.

sua maioria, de cariz artesanal, caracterizado por embarcações de "boca aberta", pertencentes a pescadores locais. Dada esta natureza, existe ainda margem de progressão para uma actividade piscatória com maiores níveis de racionalização e para a maximização de capturas. Neste sentido, a formação profissional dos pescadores constitui também um desafio que merece ser aprofundado.

Por fim, uma referência para o tipo de pesca desenvolvido no concelho. Este é um sector, na

João Teixeira



ATS **Álvaro Tavares Silva**

25 ANOS

Chaparia * Pintura * Revendedor CIN * Pronto Socorro

Contribuinte n.º 812 052 153

OFICINA: Estrada Regional, Ribeirinha - Tel: 296 479 626
LOJA: Rua da Praça, 24 - Matriz - Tel/Fax: 296 472 595
9600 Ribeira Grande - Telem: 96 2561 400

SAPATARIA LIMA

R. Gonçalo Bezerria, 37 - 9600 - RIBEIRA GRANDE Tel: 296 472 732

casa & objectos

Estamos em frente ao Teatro Ribeira-grandense Abertos ao sábado

AÇORES

Sabor a

TRADIÇÃO

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS

Servimovel

RUA DO LAUREANO, Nº374 - 9500-319 PONTA DELGADA
Telef. Nº 296 38 39 44 - FAX Nº 296 38 38 35
TELEMOVEL Nº 91 90 20 517

Deixe conosco nós tratamos de tudo

Nortadas

nortadas@mail.pt

Posto de Observação nas Barrocas do Mar

Nas Barrocas do Mar, entre o Miradouro de Santa Luzia e o Bairro daquele nome, freguesia da Matriz, na Cidade da Ribeira Grande, ao que consta, a autarquia está a construir algo que o vulgar dos mortais desconhece. A opinião, como sempre nestas circunstâncias divide-se. Há os que, sim senhor, serão certamente tão-só novos sanitários públicos; porém, a maioria, sim senhora, é de opinião de que se tratará apenas de um **Observatório Municipal**. Grande parte destes últimos, acrescenta mesmo que se tratará de um modo cómodo de ver passar ao longe, bem lá na linha quimérica do horizonte, o Instituto Politécnico Gaspar Frutuoso, o Programa Polis, a Via Litoral, a ampliação do Museu Municipal, entre muitos outros 'Esperados', qual D. Sebastião, vindo de um nevoeiro de promessas. Quem terá razão?

Faróis e faroleiros para a Contentolândia: Precisam-se!

Durante mais de ano, na Picada da Ribeira Grande, também referida por estrada, ou ainda por via rápida, tão-só a mais movimentada das ilhas, eclodiram ilhas, ilhotas e ilhéus. Para homenagear o seu descobridor e povoador, com justiça, são já conhecidas pelos 'nautas' seus utilizadores diários, ainda que não tenha baptismo oficial, o que dentro em breve, certamente, ocorrerá, por ilhas Contentes, ou Contentolândia. Geógrafos abalizados, ao que nos contam, propõem em próximo conclave da especialidade, a sua inclusão nas demais da Macaronésia, juntando-se, deste modo, aos arquipélagos dos Açores, da Madeira, das Desertas, das Canárias e de Cabo Verde. Um único e ínfimo senão: não dispõem de faróis nem de faroleiros, tornando-se, por conseguinte, um evidente e iminente perigo para quem à noite 'navega' por estas traiçoeiras paragens. Cientes que serão atendidos, os utentes preparam uma luzidia embaixada à residência do Capitão-do-donatário.

Um condutor asseado

As gentes que 'dão à língua' nas imediações da Ponte do 'Paraíso', repararam num invulgar adepto do asseio. Trata-se de um condutor de uma das camionetas que habitualmente transportam 'turistas' a caminho das Furnas. Enquanto os clientes vão provar um maracujá e aliviar a bexiga, o 'imaculado' varre o interior da sua camioneta. Ao sair, leva a camioneta limpa, deixa a ponte suja.

É caso para se dizer, tal como um inglês anónimo a Vasco Pulido Valente, o temido cronista do Diário de Notícias, que atirara uma carteira de cigarros para o chão: 'Vai sujar a tua Terra!' Ou então, 'limpeza desta, temos cá muita!'

SOS Poças!

Para o Luís, considerado carinhosamente o *Rei das Poças*, com lugar cativo e tudo, que não faz mal a uma mosca, todo descanso, venha sol, não me chateiem, que passou sem sobressaltos o PREC, e outras erupções sociais, tomar a iniciativa de organizar um baixo assinado para salvar as Poças, e conseguir perto de três centenas de subscritores, é porque as suas/nossas Poças estão deveras mal. Aquele tem sido, já lá vão mais de século e meio, o lugar de culto de muitas gerações de ribeiragrandenses. É como que um lugar de rito de passagem, lugar tanto de convívio como de banho. Continua Luís, não desistas, estamos todos contigo. Venham as análises da água, pois, é um direito que temos, venha a concretização do projecto que a autarquia diz que tem para aquele local!

A Estrela Oriental não foi plagiada

Não Senhor, aqui se afiança e declara que um quotidiano de Ponta Delgada, ao aproveitar o teor dos últimos números deste pequeno jornal de província, segundo os seus cânones, não infringiu as regras da boa educação, das relações normais entre órgãos de comunicação social, ou o código deontológico. Pelo contrário, deu visibilidade ao esforço de uma 'folha de couve local'. Agradecemos penhoradamente.

A Estrela Oriental não tem suplementos sobre a Ribeira Grande

Há dias, um colaborador deste jornal, saiu-se com esta pergunta: 'sabes por que razão A Estrela Oriental não tem suplementos sobre a Ribeira Grande?' Perante o mutismo dos presentes, incluindo o do Director, rematou: 'Porque é o único da Ribeira Grande.'

Clube de Xadrez de Santa Bárbara: campeões

Pelo prestígio e bom nome da Cidade e do Concelho, bem merecia uma medalha de Mérito Municipal. Parabéns na pessoa do senhor Eduíno Borges Andrade. Parabéns extensivos à Presidente da Junta de Santa Bárbara, Jorgina Rodrigues, pelo acolhimento e apoio.

O Circo da Sousa e Silva I

Na rua Sousa e Silva, o trânsito continua igual a si próprio: um

alegre e caótico manicómio. Não há muito, um camião, verdadeiro mastodonte pós-moderno, inadmissível em ruas quinhentistas feitas para a circulação de burros, mulas e carroças, extirpou, qual bisturi cirúrgico, todo o beiral de uma moradia; pouco antes, outros espécimens do mesmo *camartelo* ambulante haviam arrancado duas vetustas varandas seiscentistas. Desesperado, sem fé em autarquias nem em governos, na mira do sossego, um morador, tal como um doente se entrega a curandeiros quando os médicos o abandonam, investiu em caríssimos vidros duplos, ao que dizem, com dispositivos 'à prova de som'. Pelo sossego, vende-se a 'alma ao Demo!' E o susto permanente dos pais com filhos em idade escolar? E as casas com as paredes fendidas e sujas, as telhas deslocadas e os vidros rachados ou partidos? Quem os acode? Não haverá qualquer subsídio 'comunitário', a fundo perdido, para os moradores daquela desafortunada artéria, do mesmo modo que, em conjuntura de 'mamite', ou outros imprevistos flagelos, existe para a *Lavoura, Comércio, Indústria, Pesca, etc. & tal?* E a 'Variante Caracol' não avança! É por estas e por outras, ao que nos dizem, que o PS só ganhará as autárquicas na Ribeira Grande 'no dia em que as galinhas tiverem dentes.'

O Circo da Sousa e Silva II

Segundo nos afiançam os especialistas no ramo, o valor imobiliário atribuído aos prédios da rua Sousa e Silva está mais do que nunca em alta. Esta artéria é altamente valorizada por estar encostada ao coração político-financeiro e religioso da Cidade. Além do mais, ela é beneficiada pelos frequentes e interessantes concertos dos carrilhões da 'Matriz', de múltiplos e invariáveis foguetórios, pelas numerosas e pedagógicas actuações dos '4+1', Ágata, Marco Paulo e outras estrelas de alto coturno, residentes fixos do etéreo universo 'Pimba'. Acrescente-se ainda o facto, não menos despiçando, de por ela 'circularem' *procissões e camionetas*. É, por conseguinte, um privilégio de poucos morar nela. Nesta espécie de condomínio 'a céu aberto', um verdadeiro regalo 'Pumba!'

150 000 habitantes em Ponta Delgada, nos próximos 10 anos

Neste momento, findas as infraestruturas aeroportuárias e portuárias que ligam todas as

Jantar póstumo de homenagem ao Relógio da Praça!



Amigos, familiares, autarcas e admiradores, pretendem levar a efeito, antes de findar o Verão, um comovido jantar de homenagem póstuma a este desditoso relógio, que desde que para ali foi, ainda no século XIX, tão pouca sorte tem tido, tanta dor de cabeça tem causado aos autarcas e tanta tinta fez correr. Descansemos todos e Paz à sua Alma. Aceitam-se inscrições na sede deste jornal.

Ainda cai o Senhor dos Passos!



Trindade e a culpa morre solteira!

Os camiões de areia e de outros inertes que descem a rua do Espírito Santo, vindos das extracções da Tondela, em direcção à ponte dos Oito Arcos, rumo às obras de Ponta Delgada, e todo o trânsito que circula para Nascente do Concelho, passam pela igreja do Espírito Santo, vulgo dos Passos ou da Misericórdia Velha. Para os mais distraídos, aquela igreja é o ganha pão de muitos ribeiragrandenses e das Agências de Turismo. Qualquer dia cai o Carmo e a

ilhas, não existe razão alguma para que não tenhamos uma rede viária que una o Nordeste aos Mosteiros, Vila Franca à Ribeira Grande, etc., nem sequer é aceitável que seja o centro, Ponta Delgada, por estar já bem *aviado*, quem dite ou beneficie, antes das outras parcelas, das prioridades da construção viária. É inadmissível que se leve quase duas horas de más estradas para Nordeste. Eu tenho o direito de residir na Povoação e trabalhar nos Mosteiros, ou de residir nos Ginetes e trabalhar na Ribeira Grande. Não me obriguem a morar nos 'pombais' que andam a construir em Ponta Delgada. Um lunático irresponsável, aparentemente convicto do que afirma, a precisar de internamento compulsivo urgente no 'Egipto', perante câmaras de televisão e perante muita gente presente num auditório público, anunciou pomposa e levemente a seguinte monstruosidade: nos próximos 10 anos, o patamar populacional para a Cidade de Ponta Delgada, é atingir os 150 000 habitantes! Os infelizes ponta-delgadenses cada vez mais abandonam o centro e refugiam-se nas periferias. Uma coisa são alguns empreiteiros, os 'patos bravos', a quererem render o milímetro quadrado de mais valias, outra são os

'promotores', agentes esclarecidos, outra ainda são os habitantes da Cidade de Ponta Delgada, claramente sem força nem poder. O Governo Regional tem que construir estradas já e em força. A variante à Ribeira Grande não serve de exemplo, evidentemente.

Cemitério Municipal

O Carlos Santos, mais conhecido por 'Buraca', mantém o Cemitério Municipal de Nossa Senhora da Estrela que 'nem um brinco.' Só a fingir, bem entendido, apetece morrer! É a prova de que até os funcionários públicos podem ser competentes. À baliza, como na tua nova ocupação, poucos te tirarão a vez. Parabéns!

O Jorge das Poças

O Jorge, como é simplesmente conhecido pelos milhares de frequentadores das Poças, devia ser homenageado, tal é a competência e o zelo com que cuida daquele infeliz estabelecimento balneário. Só uma advertência: pelo amor de Deus Pai que tudo sabe, pela saúde dos teus e a pedido de muitas sogras, filhos e esposas, da celulite, até em nome do colesterol, não reabras o *Orla Marítima!*

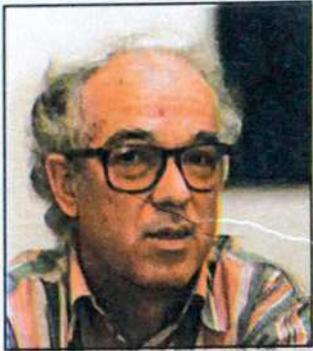
Num só espaço
Tudo para a sua casa
 Mobiliário - electrodomésticos - mercearia
 mosaicos - materiais de construção



Stand Correia
 Rua Direita de Cima, 45
 Ribeira Seca
 Telef.: 296 470004

Crónica Mal-Humorada

Viagens na era do Onésimo



Tenho a certeza de que o meu amigo António Crispim Borges da Ponte nunca disse que, em 1523, a Ribeira Grande, apesar de já ser vila, tinha apenas duas casas. Mas um opúsculo gloriosamente intitulado "Ribeira Grande - roteiro turístico, histórico e cultural" diz que ele disse. Quem o disse, e de uma maneira um pouquinho diferente, foi Gaspar Frutuoso, que escreveu: "no ano de mil quinhentos e quinze não havia da ponte para a parte do poente mais de duas casas somente".

O nosso douto cronista-mor pretendeu, com esta minúcia, louvar a decisão da Câmara, em 1520, e o trabalho de Fernão Álvares, que foi encarregado por aquela de construir uma ponte de pedra unindo as duas margens da ribeira, pelo que recebeu a quantia de cinquenta mil réis. O bom homem era medidor de terras, e por isso talvez entendesse pouco de empreitadas e de pontes, porque a obra parece ter ficado em mais de quatrocentos mil. Se fosse hoje, com medições de trabalhos e outras matreirices, a Câmara não teria ficado a dever-lhe nem um real e talvez ele tivesse até enriquecido. Por tão grande perda lhe terá concedido Deus tão longa vida, que o foi de cento e dez anos, para que tivesse tempo de se apresentar no Céu sem dever nada a ninguém, nem sequer ao cabeleireiro, porque nunca cortou o cabelo desde que nasceu até à morte.

Mas os descuidos do inqualificável opúsculo vão muito mais além. Nenhuma das freguesias do concelho escapou a esta carga devastadora da cavalaria pesada dos seus disparates, a maior parte deles copiados do fantástico "Dicionário Enciclopédico das Freguesias", uma obra abominável impunemente transcrita na Internet.

O responsáveis por este opúsculo não fazem ideia, por exemplo, do que é uma igreja matriz (igreja-mãe numa localidade com várias paróquias), chamando matriz, entre outras, à igreja da Conceição da Ribeira Grande, à de S. Brás ou à de S. Pedro (na Lomba de S. Pedro). Os Fenais da Ajuda, estranhamente considerados a freguesia mais oriental do concelho (em vez da Lomba de S. Pedro que, se de facto dista vinte e um quilómetros da Ribeira Grande, está encravada no meio da Lomba da Maia), têm um novo orago, Nossa Senhora da Conceição, em vez dos Santos Reis Magos. Dizem que a

Maia foi elevada a freguesia com anos depois da sua fundação, coisa a que não se elevava povoação nenhuma nesse tempo. (Freguesia era o conjunto de fregueses de uma paróquia ou curato.) Quanto à Ribeira Seca e à Ribeirinha (ou S. Pedro e Santíssimo Salvador, como se preferir), ainda não aparecem incluídas na cidade da Ribeira Grande. Etc., para que não nos cansemos. Que lhes perdoe o Senhor dos Passos (e não dos Paços, como vem escrito duas vezes).

Se, depois de ler este opúsculo, acontecesse a um turista o que há meia dúzia de anos sucedeu comigo e com a minha mulher, ele iria daqui com a ideia de que seríamos uns bárbaros mansos vagamente falantes do português. A sequência anedótica da cena é digna de uma crónica de Onésimo Almeida. (Quem ainda não leu o seu livro "Viagens na minha Era" não sabe o que perdeu nem imagina o que não ganhou.)

Tínhamos querido jantar num restaurante que existe especialmente para servir os turistas. Perguntámos ao empregado, a única alma viva que estava por ali, se havia ementa, e ele respondeu que sim e deu-nos um papelinho recheado de iguarias. Havia ementa, sem dúvida... o que não havia era um único prato dos que constavam dela! Depois de complicadas negociações, chegou-se à conclusão de que era possível arranjar bacalhau cozido e chouriço à bombeiro. O rapaz preveniu que tinha de chamar o patrão, que estava em casa, a uns seis ou sete quilómetros do restaurante. (As dúvidas, que já nos assaltavam, adensaram-se.) Saimos para o ar livre, apesar disso, dispostos a esperar. Mas minha mulher teve uma suspeita: talvez nada do que pedíramos estivesse preparado. Reentramos para nos certificarmos. Feita a pergunta, o rapaz respondeu que sim senhores, que estava tudo preparado. Mas prontamente corrigiu: "Só o chouriço é que não." E logo acrescentou, candidamente: "E o bacalhau também não." Resolvidos a ir para outro sítio, onde o bacalhau pelo menos estivesse de molho e os chouriços enchidos, descansámo-lo, dizendo que não valia a pena chamar o patrão. O moço, com o ar mais sério deste mundo, explicou que mesmo não o chamara ainda, porque o telefone não trabalhava e estavam à espera de que viessem consertá-lo.

Comparado com isto, não é nada o que aconteceu ao escritor Assis Brasil. Tendo chegado a um hotel de Brasília faminto e cansado da viagem, informou-se na recepção se havia restaurante. O empregado respondeu que sim. Subiu ao quarto, mudou de roupa e desceu para jantar. Dirigiu-se de novo à recepção e perguntou ao mesmo empregado onde era o restaurante. A resposta, sem mancha de malícia, foi a seguinte: "Há restaurante, mas está fechado."

Daniel de Sá

Rabo de Peixe:

Segundo Pólo Piscatório de S. Miguel

O concelho da Ribeira Grande é, essencialmente, um concelho industrial. Nele se localizam importantes unidades de construção civil, de laticínios e de outros produtos típicos da região, nomeadamente o chá e o licor de maracujá. No entanto, qualquer caracterização socio-económica deste concelho ficaria incompleta se não contemplasse uma abordagem ao sector piscatório.

A este nível, assume particular relevância o pólo piscatório de Rabo de Peixe. Este é, sem dúvida, o maior polo piscatório do concelho e o segundo da ilha de S. Miguel. Seguem-se, por ordem de importância no concelho, o porto do Porto Formoso e o porto

da Maia. Segundo dados do Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA), em 1997, o volume de pescado descarregado nestes três portos foi de 2.700 toneladas em Rabo de Peixe, 67 toneladas no Porto Formoso e cerca de 10 toneladas na Maia. O porto de Rabo de Peixe representava 36% do total de pescado descarregado em S. Miguel. Uma percentagem bastante significativa que revela a importância económica daquele porto no concelho e mesmo na Região. O novo porto de pescas, entretanto concluído, e a localização na freguesia de uma estrutura de comercialização e exportação, e de unidades industriais de transformação/



conservação de peixe constituem factores potenciadores do desenvolvimento daquele sector. A par da importância económica do sector piscatório no concelho, destacamos o seu

(Continua na pag.10)

Ribeira Grande: Desenvolvimento dos Privados

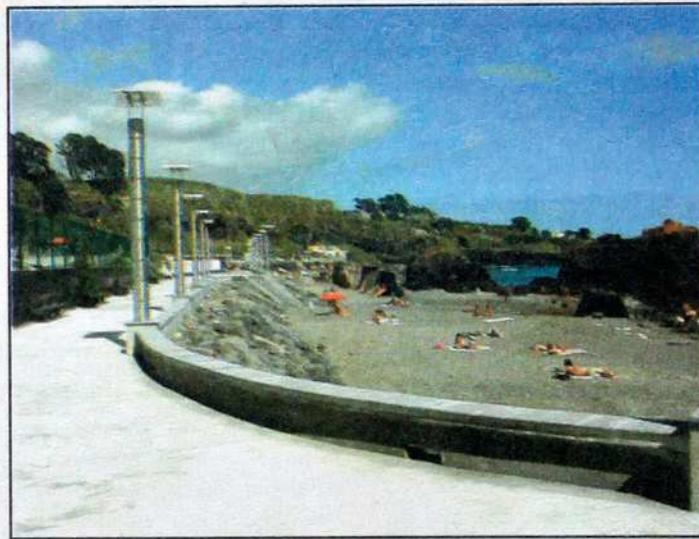
Na Ribeira Grande, os privados vivem um momento de grande euforia. Os novos investimentos comerciais revelam uma face lavada do centro citadino. As grandes apostas começam a surgir por parte dos particulares e, a curto prazo, novos projectos serão postos em prática. Não me refiro apenas ao hipermercado, mas, também, aos pequenos comerciantes, que, na sua maioria, remodelaram ou estão a remodelar os seus estabelecimentos, de modo a poderem "sobreviver" à grande investida dos grandes.

A Ribeira Grande possui uma dinâmica industrial, comercial e de serviços. Este é um facto que muito dificilmente será alterado. Um dos grandes argumentos está na construção civil. Praticamente todo o material e a mão-de-obra da construção civil sai da Ribeira Grande para toda a ilha e, consequentemente, os ribeirão-grandenses sempre foram vistos como pessoas ligadas ao trabalho duro e exigente. Por outro lado, a indústria de laticínios, pecuária e agricultura são uma mais valia em todo o Concelho e para todo o arquipélago dos Açores. Para além disto, uma das coisas que

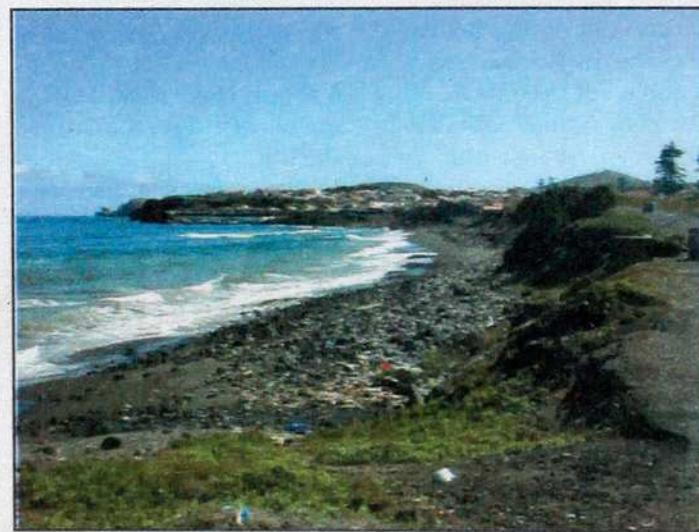
(Continua na pag.10)

Contrastes

O fotógrafo



+ Uma Vila



- Uma Cidade



Modelo

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória

Custa Pouco Viver Melhor